

A Idade Média e o Bestiário

Angélica Varandas

Apresentação no III Seminário Aberto 2006, organizado pelo Instituto de Estudos
Medievais da Universidade Nova de Lisboa (25 de Maio / 2006)

O Bestiário ou Livro das Bestas assume-se como uma obra singular no âmbito da literatura da Idade Média. Em primeiro lugar, por nele se descreverem várias espécies animais, sejam elas existentes ou não. Em segundo lugar, por subordinar essa descrição a uma interpretação de cariz simbólico e alegórico. Em terceiro lugar, ao integrar iluminuras que se cruzam com o texto escrito, estabelecendo com ele um diálogo permanente. Por fim, porque se constitui como uma obra literária que se circunscreveu à época medieval que o viu nascer e morrer. Todos estes aspectos se relacionam mutuamente como passaremos a demonstrar.

O Bestiário organiza-se em torno de pequenas narrativas que descrevem várias espécies animais, com propósitos morais e didácticos. Neste sentido, cada uma dessas narrativas é composta por duas partes distintas: uma parte descritiva de sentido literal (a descrição, *proprietas* ou *naturas*) e a sua moralização e interpretação teológica de sentido simbólico-alegórico (também designada como moralização, *moralitas* ou *figuras*). Os termos que aqui adoptamos, *naturas* e *figuras*, são utilizados, por exemplo, no *Bestiaire* de Philippe de Thaon. Subordinando a *naturas* à *figuras*, na maioria das vezes por intermédio da citação bíblica que organiza as narrativas, o Bestiário remete para o modo de significação característico da Idade Média: nele os animais deixam de ser apenas animais para se assumirem como *exempla*, isto é, como símbolos de vícios ou virtudes e fonte de ensinamentos religiosos e morais. Por este motivo, embora muitos críticos tenham defendido o carácter científico do Bestiário, a descrição dos animais nele apresentada não pretende ser factual. Na verdade, ele afasta-se, em larga medida, dos Tratados de História Natural e até dos seus congéneres mais próximos: os herbários e os lapidários, estes últimos fornecendo, respectivamente, uma descrição detalhada de plantas e pedras, não com propósitos didácticos e moralistas, mas com o objectivo de veicular a sua utilidade prática para fins medicinais. O que nele se procura transmitir, pelo contrário, é uma verdade espiritual de ordem cristã, preocupação para a qual terá contribuído o facto de ter sido produzido nos mosteiros e destinado a um público religioso – noviços e conversos (sendo os últimos pessoas que se

havam convertido à vida monástica numa fase mais tardia das suas vidas e que, por isso, não podiam celebrar o ritual religioso)- para o qual funcionava como manual de estudo.

Para exemplificar estas afirmações, recorramos à narrativa do leão, o primeiro animal a ser habitualmente descrito nos manuscritos dos bestiários.

De acordo com os bestiários, são três as características do leão: o animal apaga com a cauda o próprio rasto para não ser capturado por caçadores; dorme de olhos abertos; e a fêmea dá à luz as crias mortas. De acordo com a última característica, a leoa, durante três dias, vigia os corpos inanimados dos seus filhos e ao terceiro dia, diz o *Fisiólogo*, é o rugido do pai que os acorda para a vida:¹

After birth he does not wake up until the sun circles for the third time, but his father rouses him by giving a roar; then, so to speak, he comes alive, then he takes hold of his five senses and he never shuts his eyes however often he sleeps.²

No Bestiário, o rugido é transformado em sopro:

(...) on the third day the father comes, blows in their faces, and awakens them to life.³

A alusão bíblica não poderia ser mais explícita: também o Senhor acordou o Seu Filho ao terceiro dia, ressuscitando-O para a vida eterna. O leão é, assim, símbolo animal de Deus Pai e de Deus Filho ressuscitado, como se afirma no bestiário MS. Ashmole 1511:

au troisième jour surgit leur père qui souffle sur leurs corps et leur insuffle la vie. Ainsi fit le Tout-Puissant pour Notre-Seigneur Jésus-Christ qu'il ressuscite des morts le troisième jour.⁴

Aqui, a voz é o sopro da vida, o mesmo sopro com que Deus criou o primeiro homem – Adão – e ressuscitou também para a vida o seu anti-tipo – Cristo.⁵ O sopro é, portanto, sinónimo da Palavra criadora, remetendo também para a respiração e, mais precisamente, para a expiração, outro símbolo de vida.

¹ O *Fisiólogo* parece ser o primeiro texto a referir o facto de as crias do leão nascerem sem vida. A ideia, contudo, pode ter tido origem em Plínio que cita Aristóteles, para quem as crias nascem muito pequenas e sem forma.

² in P. T. Eden (ed.), *Theobaldi Physiologus*, Leiden und Koln, E. J. Brill, 1972, pp. 26-7.

³ Richard Barber (ed.), *The Bestiary. Being an english version of the Bodleian Library, Oxford M. S. Bodley 764 with all the original miniatures reproduced in facsimile*, Woodbridge, The Boydell Press, 1993, p. 25.

⁴ Marie-France Dupuis et Sylvain Louis (trad.), *Le Bestiaire.reproduction en fac-similé des miniatures du manuscrit du Bestiaire Ashmole 1511 de la Bodleian Library d'Oxford*, Paris, Philippe Lebaud Éditeur, 1988, p. 58.

⁵ Sobre o sopro da vida, ver Génesis: 2: 7. Sobre ser Cristo o Novo Adão, ver Epístola de S. Paulo aos Romanos 5: 12-21 e 1ª. Carta de S. Paulo aos Coríntios 15: 20-22.

Além disso, a imponência do rugido do leão é tal que nenhum ser lhe fica indiferente, ou não fosse o leão o rei de todas as criaturas animais. No MS. Bodley 764 pode ler-se:

Which animal dares to resist him whose voice is by nature terror itself, so that many animals who could escape him by virtue of their speed are so terrified by his roaring that they are already vanquished?⁶

Deste modo, torna-se ainda mais relevante a comparação do rugido potente do leão com a Palavra onnipotente de Cristo.



Figura 1: o leão sopra para a boca da cria.

(MS. Bodley 764)

A maioria dos bestiários ilustra o ressuscitar das crias do leão, exibindo o progenitor a lambe os filhos, acentuando claramente a língua, uma vez que essa é um órgão indispensável para a articulação da Palavra, entendida como sinónimo de Voz e de Verbo. O MS. Bodley 764 tem a particularidade de ilustrar dois leões: um, de facto, lambe a cria (repare-se como a língua se destaca), mas o outro emite o seu sopro – o sopro da vida – directamente para a boca aberta do filho inanimado, como se estivesse a praticar aquilo que designamos hoje por respiração boca-a-boca. O sopro e a respiração são ilustrados através de vários riscos suaves e paralelos que saem da boca do animal. Note-se ainda que este leão tem as patas pousadas sobre o peito da cria, assim evidenciando a ideia da ressurreição pelo amor filial e pela Fé que deveria estar contida no coração dos homens.

⁶ Barber, *op. cit.*, p. 26.

A narrativa do leão é aquela que, de modo geral, abre todos os manuscritos dos bestiários, confirmando a ideia de que é ele o rei dos animais. Também pelo mesmo motivo, é ao leão que cabe o capítulo mais longo e o maior número de iluminuras, nas quais se torna igualmente claro um maior empenho por parte dos artistas. É normal a sua história vir acompanhada de cerca de três ou quatro iluminuras que pretendem ilustrar as várias características de que é dotado, o que é raro acontecer com os outros animais. Na verdade, o leão é dos animais do Bestiário o que mais claramente identifica Voz e Palavra, facto acentuado por ser também o primeiro a ser descrito: o leão é o rei das criaturas terrestres, como de resto se salienta quando se descodifica o significado etimológico da palavra *leo* que significa, afinal, rei.⁷ Lembremos ainda que simboliza o Apóstolo S. Marcos.

Ainda que a narrativa do leão seja sensivelmente a mesma em todos os bestiários conhecidos, a versão longa do bestiário francês de Pierre de Beauvais atribui à leoa uma característica semelhante à da doninha: a leoa dá à luz pela boca uma cria morta que irá ser ressuscitada pelo macho. Contudo, a ideia de que também a leoa, como a doninha, dá à luz pela boca não vingou a nível do imaginário medieval.



Figura 2: dois leões reanimam as suas crias, lambendo-lhes o corpo.
(MS. Royal 12.C. XIX).

⁷ A explicação etimológica provém de Isidoro: “El ‘león’ griego se interpreta en latín como ‘rey’, porque es la más importante de todas las bestias.” In Isidoro de Sevilha, *Etimologias*, Edición bilingüe preparada por Jose Oroz Reta y Manuel-A. Marcos Casquero, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2ª. Ed., 1993, pp. 68-69. (XII, 2, 3). De resto, o texto de abertura do Bestiário sobre o leão segue de muito perto as *Etimologias* de Isidoro.

* * *

As origens do Bestiário remontam à época clássica greco-latina e a autores como Heródoto ou Plínio, embora a fonte mais importante seja o *Fisiólogo*. O *Fisiólogo*, ou o *Naturalista*, foi uma obra escrita em grego e produzida em Alexandria, entre os séculos I e III. Este original grego nunca foi encontrado e o único manuscrito grego que, hoje em dia, se conhece é uma retradução dessa fonte perdida. Sabe-se, porém, que a sua popularidade foi tal que logo se começaram a produzir traduções para várias línguas, tendo a primeira surgido na Etiópia, no século V, e as seguintes na Síria e na Arménia. A partir do mesmo século V, apareceu possivelmente a primeira tradução para latim, embora os manuscritos latinos mais antigos comecem a circular apenas no século VIII. No entanto, a corroborar a existência desta versão latina anterior, encontra-se o documento oficial do Papa Gelásio (492-496), conhecido como o *Decretum Gelasium*, no qual se apresenta uma lista de livros proibida pela Igreja.⁸ Aí se refere um *Fisiólogo* latino, o que levou a crítica a aceitar que, por volta do século V, já circularia uma tradução latina do *Fisiólogo* grego. Entre os autores a quem se tem atribuído a primeira versão cristã do *Fisiólogo*, contam-se: Santo Ambrósio (referido no *Decretum Gelasium*), S. Pedro de Alexandria, Santo Epifânio, São Basílio, São João Crisóstomo, Santo Atanásio e São Jerónimo. Mas é, de facto, apenas após o século VIII que começam a surgir as muitas versões latinas do *Fisiólogo* que, por sua vez, vieram originar o aparecimento do Bestiário. Foi também a partir desse século que o *Fisiólogo* foi vertido para línguas tão variadas como o anglo-saxónico, o árabe, o islandês, o provençal, o castelhano e o italiano, entre outras.

Através da comparação entre estes textos, verificou-se que o *Fisiólogo* integra habitualmente quarenta e oito ou quarenta e nove capítulos que começam por descrever o animal para logo o relacionarem com o dogma cristão. Assim, cada um destes capítulos obedece a um esquema padronizado, iniciando-se por uma citação da Bíblia, à qual se segue a expressão “O *Fisiólogo* diz que ...” que introduz a descrição do animal, imediatamente seguida da sua interpretação moral e alegórica.

⁸ “Liber Physiologus, quid ab haereticis conscriptus est, et beati Ambrosii nomine praesignatus, apocryphus”. (em português: o livro conhecido como o *Fisiólogo*, escrito por heréticos e atribuído a Ambrósio, é apócrifo). in Jan Ziolkowski, *Talking animals. Medieval latin beast poetry, 750-1150*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1993, p. 35.

A maioria da crítica acredita, contudo, que o original perdido procurava apenas descrever a criatura de forma literal, tendo as moralizações sido introduzidas posteriormente pelos autores cristãos.⁹

Ao longo dos séculos, o *Fisiólogo* foi-se transformando gradualmente até dar origem ao Bestiário. Esta transição é marcada pela interferência das *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha. De facto, a partir do século XII, os manuscritos do *Fisiólogo* são reorganizados de acordo com a classificação proposta pelo bispo de Sevilha nem “De Animalibus” – o Livro XII das suas *Etimologias*. A divisão dos capítulos, a importância atribuída à etimologia dos nomes dos animais, o tipo de descrição da criatura e sua respectiva moralização baseiam-se em Isidoro. Esta transformação de um texto no outro tem sido sublimada por vários autores, entre os quais Florence McCulloch que a compara à que aconteceu, no mesmo século, na arquitectura medieval, em que o estilo românico deu lugar ao gótico. E se os textos do Bestiário disso são testemunha, também as imagens que o integram se situam na transição de um estilo para o outro.

Os bestiários propriamente ditos desenvolveram-se particularmente em Inglaterra, embora também tenham conhecido algum prestígio em França, como demonstram os bestiários de Philippe de Thaon, Guillaume Le Clerc, Pierre de Beauvais e Richard de Fournival. Enquanto os manuscritos ingleses foram, todos eles, escritos em latim, os franceses são traduções para vernáculo do *Fisiólogo* latino.

No início do século XX, confrontando-se com esta enorme quantidade de manuscritos, quer do *Fisiólogo*, quer do Bestiário, o crítico inglês M. R. James entregou-se à tarefa de classificar e organizar os manuscritos por famílias, numa obra fundamental, embora muito difícil de encontrar, intitulada *The Bestiary*.¹⁰ Uns anos mais tarde, num estudo hoje considerado paradigmático, Florence McCulloch adicionou uma subfamília à Primeira Família de James.¹¹ Passamos pois a apresentar a classificação dos dois críticos.

* * *

⁹ Pensa-se que a obra mais antiga na qual a descrição animal se encontra, pela primeira vez, explicitamente associada à especulação de ordem teológica é o tratado de Plutarco intitulado *Ísis e Osíris*. A este respeito, veja-se Michael Curley (ed.), *Physiologus*, Austin and London, University of Texas Press, 1979, pp. xi-xii.

¹⁰ M. R. James, *The Bestiary; being a reproduction in full of the manuscript li. 4. 26 in the University Library, Cambridge, with supplementary plates from other manuscripts of english origin, and a preliminary study of the latin Bestiary as current in England*, Oxford, Roxburghe Club, 1928.

¹¹ Florence McCulloch, *Medieval latin and french bestiaries*, North Carolina, Studies in the romance languages and literatures, number 33, The University of North Carolina Press, 1962.

Classificação e Tipologia do *Fisiólogo* e dos bestiários

O *FISIÓLOGO*

As Versões Latinas

1. A versão Y

O *Fisiólogo* grego, nas suas múltiplas versões, deu origem ao *Fisiólogo* latino, também ele divulgado através de uma variedade de textos.

Os manuscritos latinos mais antigos são aqueles que de mais perto seguem o original grego, o que é visível na forma como utilizam palavras gregas que surgem transcritas por entre o latim. A estes textos atribuíram-se as letras Y e C, em que a versão Y, editada pelo Professor Francis J. Carmody, contém os seguintes manuscritos:¹²

Y - Munich, Lat. 19417, século IX

Y2 - Munich, Lat. 14388, séculos IX-X

Y3 - Bern, Lat. 611, séculos VIII-IX.

Em cada um deles se atribui a autoria a um nome diferente. Assim, São João Crisóstomo terá sido o autor de Y, São João de Constantinopla o de Y2 e um bispo ortodoxo, de nome desconhecido, o autor de Y3.

Esta versão, que consiste aproximadamente em 49 capítulos, desapareceu de circulação por volta do século XI, não tendo tido influência em versões posteriores.

2. A - Brussels, Bibl. Roy. 10074, f. 140v.-156v. - século X

Composto por 36 capítulos, este manuscrito contém partes da versão Y. É ilustrado com imagens de origem carolíngia que, algumas vezes, mais do que o texto, pretendem descrever a alegoria subjacente.

3. C - Bern, Burgerbibliothek, lat. 318, f. 7-22v., século IX

¹² “Physiologus latinus versio Y” in *University of California Publications in Classical Philology*, XII, 1933-44.

Este texto é outra das traduções do *Fisiólogo* grego. Composto por 24 ou 26 capítulos, é o primeiro *Fisiólogo* latino ilustrado.

4. Glossário de Ansileubus

Colecção de 22 pequenas descrições de animais muito semelhantes às das versões Y, A e C. Estas descrições não são seguidas da componente alegórica.

5. Versão B

A importância fulcral desta versão, contida no manuscrito Bern, Lat. 233, f. 1-13, séculos VIII-IX, radica no facto de ser ela a originar as mais importantes versões latinas que se desenvolveram em França e em Inglaterra durante a Idade Média. Ela é, portanto, também com o *Fisiólogo* de Teobaldo, a versão mais disseminada do *Fisiólogo* latino.

A Primeira Família

1. A Versão B - I

Nesta subfamília incluem-se os manuscritos que, embora sigam em larga medida os textos da versão B, contêm também passos das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha (daí a designação B-I). Na verdade, a obra do bispo de Sevilha, em particular o Livro XII - “De Animalibus” -, foi de uma importância extrema, não só na cultura medieval em geral, mas, muito especificamente, na evolução do *Fisiólogo* latino até à sua forma mais elaborada, isto é, os bestiários produzidos entre os séculos XII e XIV. Para além das *Etimologias* de Isidoro, outras das obras que originaram novas adições ao *Fisiólogo* latino foram, por um lado, a *História Natural* de Plínio, e, por outro, o *Polyhistor* de Solino. É também esta subfamília que está na origem dos bestiários de Philippe de Thaon e Pierre de Beauvais. Esses manuscritos são os seguintes:

Bodl., Laud Misc. 247, f. 139v.-166v. início do século XII

Bodl. 602, f. 1-36. Final do século XII (contém *Aviarius* entre os folios 36-65).

Bodl., Douce 167, f. 1-12. Início do século XIII

40.2

London, Sion College L -----, f. 73-116. século XIII (contém *Aviarium* entre os folios 1-54).

L 28

Perrins 26, f. 67-102v. século XIII (contém *Aviarium* entre os folios 1-45).

B. M., Stowe 1067, f. 1-15v. início século XII

Camb., Corpus Christi Coll. 22, f. 162-169. Século XII

2. H - Livro II de Pseudo Hugo de S. Victor e o *Aviarium*

O texto *De bestiis et aliis rebus*, atribuído durante muito tempo a Hugo de S. Victor, mas da autoria de Hugo de Folieto, divide-se em dois livros: o livro I, no qual se descrevem diversas aves, sendo, por essa razão denominado de *De Avibus* (Aviário), e o Livro II, dedicado aos mamíferos (ver apêndice II). Este segundo livro, embora siga de muito perto os manuscritos da subfamília B - I, deles se distingue claramente uma vez que descreve apenas duas aves. Os manuscritos são os seguintes:

Camb., Sidney Sussex Coll. 100, f. 26-43. Século XIII (*Aviarium*, f. 1-26)

Valenciennes 101, f. 189-201. Século XIII (*Aviarium*, f. 171-189).

B. N., lat. 14429, f. 109v.-118. Século XIII (*Aviarium*, f. 96-109).

Chalon-sur Saône 14, f. 55-89. Século XIII

3. Manuscritos de transição

São textos que se dividem entre 24 e 40 capítulos, tal como os textos da primeira família, aproximando-se ainda em termos de forma e conteúdo das subfamílias B-I ou H. Contêm também secções copiadas de Isidoro de Sevilha. São os seguintes:

Camb., Trinity Coll. R.14.9 (884), f. 89-106v. século XIII

B. M., Royal 2 B. vii, f. 85-130v. início século XIV

New York, Morgan 81, f. 1-89. finais século XII

Leningrad, Qu.V.1, f. 1-98. finais século XII

B. M., Royal 12 C. xix, f. 1-94. finais século XII

Alnwick Bestiary, f. 1-73. Mid. Século XIII

Munich, gall. 16 (Queen Isabella's Psalter). Século XIV

A Segunda Família - Os Bestiários

Ao longo do século XII, os textos do *Fisiólogo* latino vão sofrendo as mais variadas transformações, até atingirem aquela que é a sua forma mais estilizada - os bestiários dos séculos XII, XIII e XIV.

Os bestiários propriamente ditos distinguem-se dos manuscritos das versões e famílias já referidas em vários aspectos fundamentais. São eles:

- a) maior quantidade de material retirado do Livro XII das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha, incluindo a própria divisão dos capítulos.
- b) introdução de alguns capítulos que não fazem eco da componente moral.
- c) adição de excertos da obra de Solino.
- d) cópia de longos excertos do *Hexaemeron* de Santo Ambrósio.
- e) adição de passos extraídos de *De Universo* de Rábano Mauro e do *Pantheologus* de Pedro da Cornualha.
- f) acrescentamento de um sermão no capítulo dedicado ao cão que começa com a expressão “Quocienscumque peccator”.

Pensam os filólogos e críticos desta Segunda Família que todos os manuscritos nela incluídos são de origem inglesa. E são eles:

B. M., Add. 11283, f. 1-41. Início do século XII (ou seja, é o mais antigo Bestiário conhecido hoje em dia)

Brussels, Bibl. Roy. 8340, f. 183-215. Século XIV

Aberdeen Univ. 24, f. 1-103. Finais século XII

Bodl., Ashmole 1511, f. 1-104. Finais século XII

Bodl., Douce 151, f. 1-90. Século XIV

Oxford, Univ. Lib. 120, f. 1-70. Séculos XIII - XIV

B. M., Harl. 4751, f. 1-74v. Finais século XII

Bodl. 764, f. 1-137. Finais Século XII

Camb. Univ. Lib. Ii.4.26, f. 1-74. Século XII

Oxford, St. John's Coll. 61, f. 1-103. Século XIII

B. M., Harl. 3244, f. 36-71v. Início século XIII

Camb., Gonv. and Caius Coll. 109, f. 110-133. Século XIII

B. N., lat. 3630, f. 75-96. Século XIV

Desta Segunda Família fazem ainda parte os seguintes manuscritos que não possuem uma relação iconográfica entre si:

B. M., Royal 12 F. xiii, f. 1-141. Séculos XII-XIII

C. M. Sloane 3544, f. 1-44. Século XIII

Camb., Gonv. and Caius Coll. 384, f.167-199. Século XIII

Camb., Gonv. and Caius Coll. 372, f.1-64. Século XIII

B. N., lat. 11207, f. 1-40. Século XIII

Bodl. 533, f. 1-29v. Século XIII

Oxford, St. John's Coll. 178, f. 157-220. Finais século XIII

Douai, Bibl. Mun. 711, f. 1-60v. Finais século XIII

Bodl., Douce 88 A, f. 5-29. Finais século XIII

Canterbury, Cath. Lib. Lit. D 10. Séculos XIII-XIV

Camb., Corpus Christi Coll. 53, f. 189-210. Início século XIV

New York, Morgan 890, f. 1-18. Século XIV

Copenhague, Gl. Kgl. 1633 4º, f. 1-76v. Século XIV

A Terceira e Quarta Famílias

Estas duas famílias são também constituídas por bestiários, todos eles produzidos durante o século XIII, que diferem dos da Segunda Família, por um lado, em termos da sua dimensão - são bastante maiores -, por outro, porque são menos comuns e não foram utilizados como fonte para as traduções francesas. Para além disso, copiam a secção das Nações Fabulosas de Isidoro de Sevilha, assim como a sua secção sobre monstros mitológicos (como Cérbero ou a Quimera); contêm extractos das obras *Megacosmus* ou *De Mundi universitate* de Bernardus Silvestris; incluem um passo sobre a Roda da Fortuna e um excerto de *De Remediis Fortuitorum* de Séneca; fazem alusão às sete Maravilhas do Mundo e citam o *Policraticus* de John of Salisbury. Os manuscritos são:

Camb., Fitzwilliam Museum 254, f. 1-48. Início século XIII

Camb. Univ. Lib. Kk.4.25, f. 48-86. Século XIII

Bodl., Douce 88 E, f. 68-116v. Finais século XIII

Bodl. E Museo 136, f. 1-47. Século XIII

Westmisnter Abbey 22, 1-54. Século XIII

Ao basear-se, não só em Isidoro, mas também em *De Proprietatibus rerum* de Bartholomeus Anglicus, o único manuscrito que faz parte da Quarta Família é:

Camb., Univ. Lib. Gg.6.5., f. 1-100. Século XV

Verificamos que os bestiários produzidos em Inglaterra entre os séculos XII e XIV pertencem à Segunda Família de manuscritos descrita por M. R. James. Existem ainda outros manuscritos, não incluídos nestas famílias, mas igualmente importantes a nível da sua divulgação na Idade Média: o *Fisiólogo* de Teobaldo, a *Dicta Chrysostomi* e os bestiários produzidos em França que muito devem à subfamília B-I.

1. TH - O *Fisiólogo* de Teobaldo

Texto atribuído a Teobaldo, abade de Monte Cassino, em cujo mosteiro, entre 1022 e 1035, ensinava ciências naturais e medicina. É um poema de cerca de 300 versos que existe em vários manuscritos aos quais, por vezes, se acrescentou o nome do abade.

2. DC - A *Dicta Chrysostomi*

Texto atribuído a São João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla no século V da nossa era. Pensa-se que o texto, todavia, terá sido produzido em França por volta do ano 1000. Foi traduzido por Gervaise e parece ter sido utilizado como fonte por Pierre de Beauvais, ou, pelo menos, assim nos fazem crer dois manuscritos que contêm a versão curta do seu *Bestiaire*. Um dos manuscritos da *Dicta Chrysostomi* é o Hofer Bestiary do século XIII.

Estas famílias e subfamílias de manuscritos permitem-nos concluir que é muito vasto o número de manuscritos que, de uma forma simples ou mais elaborada, derivam do *Fisiólogo* grego, contribuindo, assim, para o tornar numa das obras mais populares ao longo de toda a Idade Média.

Os Manuscritos Franceses

Os mais importantes bestiários franceses são quatro: o *Bestiaire* de Philippe de Thaon, o *Bestiaire* de Gervaise, o *Bestiaire Divin* de Guillaume Le Clerc e as duas versões de Pierre de Beauvais. Todos eles são traduções para vernáculo das versões B-I do Fisiólogo latino, à exceção do *Bestiaire* de Gervaise que é uma tradução da *Dicta Chrysostomi*. Ao contrário dos manuscritos ingleses, não são obras de luxo, denotando uma maior simplicidade na sua apresentação.

O *Bestiaire* de Philippe de Thaon:

É o mais antigo bestiário francês e o que mais próximo se encontra do *Fisiólogo* latino. É constituído por 3194 versos, divididos por trinta e oito capítulos, e é dedicado à rainha Aelis de Louvain, segunda esposa do rei Henrique I de Inglaterra. Philippe de Thaon terá produzido também um ou dois lapidários. São três os manuscritos que incluem este *Bestiaire*:

L - London, B. M., Cotton Nero A. V, f. 41-82 v. Segunda metade do século XII. Possui espaços em branco que não chegaram a ser ilustrados.

O - Oxford, Merton College 249, f. 1-10. Produzido em Inglaterra no século XIII. Possui alguns desenhos de fraca qualidade.

C - Copenhagen, Royal Library 3466, f. 3-51. Séculos XIII ou XIV. Está incompleto e possui ilustrações.

Todos os manuscritos contêm um prólogo em latim, bem como rubricas na mesma língua.

O *Bestiaire* de Gervaise:

É um bestiário de apenas 1280 versos rimados, produzido no início do século XIII. Sobrevive num único manuscrito – o B. M., Add. 28260, f. 84-100 v. da segunda metade do século XIII. Possui algumas ilustrações na primeira parte do texto, todas elas pequenas e simples. É uma versão da *Dicta Chrysostomi* atribuída a S. João Crisóstomo.

O *Bestiaire* de Guillaume le Clerc:

É o mais longo dos quatro bestiários franceses rimados: possui 3426 versos. É conhecido apenas como *Bestiaire* ou como *Bestiaire Divin* e é dedicado a um Raoul. Foi produzido entre 1210 e 1211 e

é, de todos os bestiários franceses, o mais popular, dada a quantidade de manuscritos existentes: vinte e três manuscritos copiados em França e em Inglaterra que, na sua maioria, possuem boas iluminuras. São eles:

A – B. M., Egerton 613, f. 31-59. Meados do século XIII.

B – B. N., fr. 14969, f. 1-72 v. Século XIII.

C – B. N., fr. 2168, f. 188v. – 209v. Segunda metade do século XIII.

D – B. N., fr. 25406, f. 1-30. Final do século XIII ou século XIV.

E – B. N., fr. 14964, f. 118-181 v. Final do século XIII.

F – B. N., 1444, f. 240-257. Final do século XIII.

G – B. N., fr. 14970, f. 1-34 v. Século XIII.

H – B. N., fr. 24428, f. 53-78 v. Século XIII.

I – B. N., fr. 25408, f. 70v. – 106v. Século XIII.

K – B. N., fr. 902, f. 137-159. Século XIV.

L – B. N., fr. 20046, f. 1-36. Século XIV.

M – B. M., Royal 16 E. Viii, f. 2-71v. Século XIII.

(desaparecido desde 1879)

N – B. M., Cotton Vesp. A. vii, f. 4-33. Século XIV.

O – Barrois 11, anteriormente pertencente a Lord Ashburnham.

Nome actual: B. N., Rothchild IV.2.24, f. 140-163. Século XIV.

P – Bodl., Douce 132, f. 63-81 v. Século XIV.

Q – Vatican, Regina 1682, f. 4-26 v. Século XIV.

R – B. N., fr. 25406. (o mesmo referido em D)

S – Berlin, Hamilton 273. Hoje conhecido como Camb., Fitzwilliam Museum, J.20, f. 45-73. Século XIV.

T – Lyon, Palais des Arts 78, f. 36-58. Século XIII.

U – Philipps 4156. Século XIII.

V _ Camb., Trinity Coll., 0.2.14(2), f. 32v. – 61v. Século XIII.

X _ Camb., Fitzwilliam, McLean 123, f. 20-66. Cerca de 1300.

Y _ Bodl., 912, f. 1-12. Início do século XIV.

Z _ Paris, Arsenal 2691, f. 62-95v. Século XV.

As Versões de Pierre de Beauvais:

Pierre de Beauvais é também conhecido como Pierre le Picard, uma vez que o mais antigo manuscrito do seu bestiário está escrito no dialecto picardo. Antes de 1218, produziu um bestiário em duas versões: uma versão curta, de cerca de trinta e oito capítulos, e uma versão longa, de cerca de setenta e um. Os manuscritos existentes são os que se seguem:

Versão Longa:

P – Paris, Bibl. de l’Arsenal, fr. 3516, f. 198v. – 212 v. Século XIII.

Mon – Montpellier, Bibl. de la Faculté de Médecine, H. 437, f. 195-250. Século XIV.

V – Vatican, Reg. 1323, f. 2-36. Data: 1475.

Ph – Philipps 6739, f. 1-50. Final do século XIII.

Versão Curta:

R – Paris, B. N., fr. 834, f. 39-48 v. Século XIV.

S – Paris, B. N., fr. 944, f. 14-34 v. Século XV.

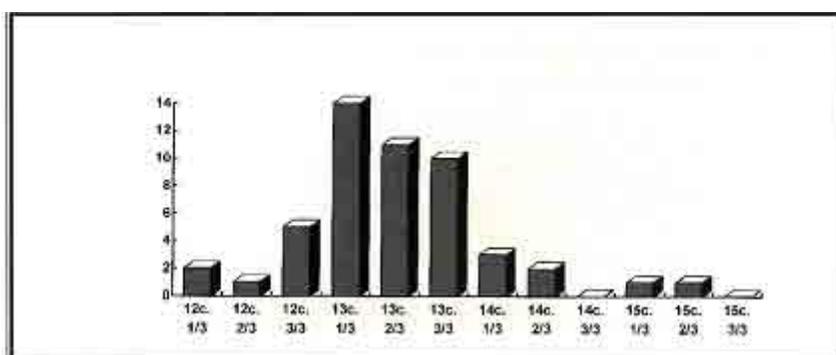
L – Paris, B. N., fr. Nova aqui. 13251 (anteriormente La Clayette MS.), f. 22-31. Século XIII.

Ma – Malines, Bibl. du Séminaire 32, f. 1-23. Século XV.

Outros bestiários produzidos em França incluem o *Li Bestiaires d’Amours* de Richard de Fournival; o *Cambrai Bestiary*; a versão provençal *Aiso son las naturas d’alcus auzels e d’alcunas bestias*; o *Bestiaire d’Amour* rimado, preservado num único manuscrito do final do século XIII; um manuscrito único do século XV intitulado *De las Proprietas de las animanças*, que pertence ao Trinity College, em Dublin; e, por fim, o Livro I do *Li Livres du Trésor* de Brunetto Latini.

* * *

Através de enorme profusão de manuscritos acima referidos, é fácil verificar que a popularidade do Bestiário na Idade Média foi enorme, sendo comparável apenas à da própria Sagrada Escritura. Este género textual foi, como já afirmámos, particularmente produtivo em Inglaterra, ao longo dos séculos XII, XIII e XIV, vindo a desaparecer por volta do século XV, como podemos observar no quadro abaixo respeitante ao número de bestiários sobreviventes, produzidos em Inglaterra, entre os séculos XII e XV:



Quadro 1

O segundo quadro, por sua vez, mostra-nos a data de produção dos bestiários ingleses escritos em latim (as cidades referidas no quadro dizem respeito ao local onde os manuscritos se encontram hoje em dia):

Aberdeen ex-Alnwick Castle Cambridge	Univ. Lib. MS 24	c. 1200–10	
	MS 447	c. 1250–75	
	Corpus Christi MS 22	c. 1150–75	
	MS 53	1304–21	
	Fitzwilliam MS 254	c. 1220–30	
	MS 379	c. 1300–25	
	Govw. & Caius MS 109/178	c. 1250–75	
	MS 372/621	c. 1275–1300	
	MS 384/604	c. 1275–1300	
	Trinity MS R. 14. 9	c. 1275–1300	
	Univ. Lib. MS Gg. 6.5	c. 1450–75	
	MS li. 4. 26	c. 1200–10	
	MS Kk. 4. 25	c. 1220–40	
	Canterbury Copenhagen London	Cath. Lib. MS Lit. D. 10	c. 1275–1300
		Kongelige Bibl. MS 1633 Qto	c. 1400–25
B.L. MS Add. 11283		c. 1160–80	
MS Add. 24097		c. 1200–25	
MS Harley 324+		c. 1255–65	
MS Harley 4751		c. 1230–40	
MS Royal 2.C.XII		c. 1200–25	
MS Royal 6.A.XI		c. 1160–80	
MS Royal 10.A.VII		c. 1200–25	
MS Royal 12.C.XIX		c. 1200–10	
New York Oxford	MS Royal 12.FXIII	c. 1220–40	
	MS Sloane 3544	c. 1240–60	
	MS Stowe 1067	c. 1120–40	
	Westminster Abbey Lib. MS 22	c. 1275–1300	
	Pierpont Morgan Lib. MS 81	c. 1180–7	
		MS 890	c. 1275–1300
	Bodleian Lib. MS Ashmole 1511	c. 1200–10	
		MS Bodley 91	c. 1340–60
		MS Bodley 533	c. 1275–1300
		MS Bodley 602	c. 1220–40
		MS Bodley 764	c. 1240–60
		MS Douce 88(I)	c. 1240–60
		MS Douce 88(II)	c. 1240–60
		MS Douce 151	c. 1340–60
		MS Douce 167	c. 1200–20
MS Laud Misc. 247		c. 1110–30	
MS e Mus. 136		c. 1260–80	
MS Tanner 110		c. 1240–60	
St John's MS 61		c. 1210–30	
MS 178	c. 1275–1300		
Univ. MS 120	c. 1300–25		
Paris	Bibl. Nat. MS Lat. 3630	c. 1275–1300	
	MS Lat. 11207	c. 1240–60	
	MS Lat. 14429	c. 1250–75	
	MS Nouv. Acq. Lat. 873	c. 1160–80	
Rome	Bibl. Vaticana MS Reg. Lat. 258	c. 1200–10	
St Petersburg	Saltykov-Shchedrin MS Q.v.VI	c. 1175–85	

Quadro 2

A análise destes quadros permite-nos, mais uma vez, concluir que a maioria dos manuscritos pertence ao século XIII, existindo apenas dois manuscritos produzidos no século XV. Por sua vez, o quadro seguinte mostra-nos a distribuição geográfica dos manuscritos em Inglaterra, tendo em conta os seus centros de consumo (cada ponto representa um bestiário):



Quadro 3

Verificamos que a distribuição dos manuscritos coincide com a localização de mosteiros e casas religiosas. Na verdade, eram os mosteiros os principais centros de produção e consumo de bestiários, embora alguns manuscritos fossem encomendados por patronos seculares, como acontece com o MS. Bodley 764. Neste manuscrito, na iluminura dedicada ao elefante ostentam-se as armas do homem que o encomendou – Roger de Monhaut, como se pode observar através do escudo que adorna o topo da torre em cima do elefante:

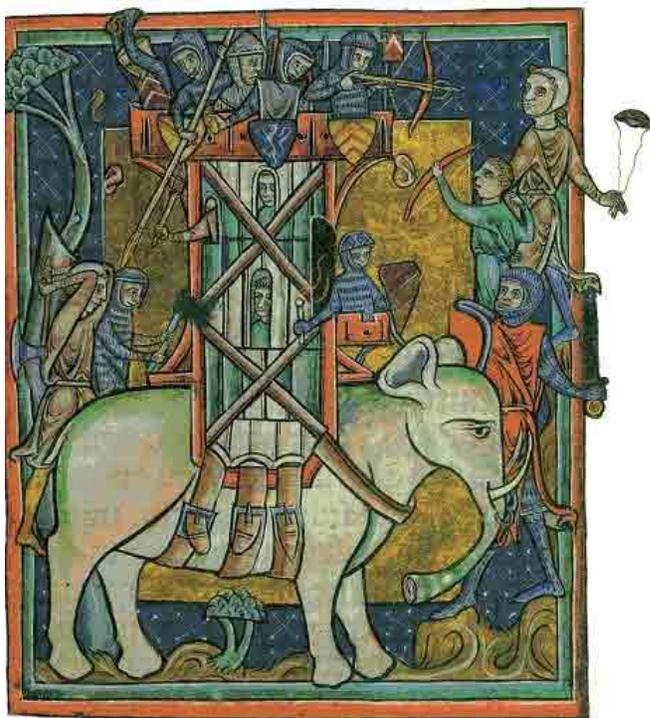


Figura 3: elefante
(MS. Bodley 764)

O desenvolvimento da produção de bestiários é coincidente com o desenvolvimento e crescimento das bibliotecas monásticas. Por estas razões, não podemos atribuir a estes manuscritos um autor particular, pois apresentam-se como fruto de várias mãos que, ao longo dos anos, os foram copiando e, ao mesmo tempo, traduzindo e ampliando.

De entre as várias ordens religiosas que apadrinharam os bestiários contam-se os monges beneditinos e os cistercienses, embora também os franciscanos e os monges agostinhos os tenham desenvolvido, como podemos apreciar a partir do quadro 4, onde testemunhamos, uma vez mais, que apenas o MS. Bodley 764, já referido, é de origem secular:

BESTIARY	HOUSE	ORDER	EVIDENCE
1. Cambridge, Corpus Christi 53	Peterborough?	B	c
2. Cambridge, Gonv. & Caius 109/178	Guisborough	AC	e ¹¹
3. Cambridge, Gonv. & Caius 372/621	?	F	e ¹²
4. Cambridge, Trinity R. 14. 9.	Horsham St Faith?	B	c
5. Cambridge, Univ. Lib. li. 4. 26.	Revesby?	C	e ¹³
6. London, BL Harley 3244	?	D	m
7. London, BL Royal 2. C. XII.	Gloucester	B	e ¹⁴
8. London, BL Royal 6. A. XI.	Rochester	BCP	e ¹⁵
9. London, BL Royal 10. A. VII.	Bardney	B	e ¹⁶
10. London, BL 12. F. XIII	Rochester	BCP	e ¹⁷
11. London, Westminster Abbey 22	York	F	e ¹⁸
12. New York, Pierpont Morgan M. 81	Worksop	AC	e ¹⁹
13. New York, Pierpont Morgan M. 890	Fountains?	C	p
14. Oxford, Bodleian Bodley 91	Hyde Abbey?	B	c
15. Oxford, Bodleian Bodley 602	Newark, Surrey	AC	e ²⁰
16. Oxford, Bodleian Bodley 764	Mold?	S	h ²¹
17. Oxford, Bodleian Douce 88(II)	Cant'bury, St Aug.	B	b
18. Oxford, Bodleian Tanner 110	Ramsey	B	e ²²
19. Oxford, St John's 61	York, Holy Trinity	B	e ²³
20. Oxford, St John's 178	Westminster	B	e ²⁴
21. Paris, BN Nouv. Acq. Lat. 873	Cant'bury, St Aug.	B	e ²⁵ b

Quadro 4

Abreviaturas:

AC Augustinian Canons (Cónegos Agostinhos)

B Benedictines (Beneditinos)

BCP Benedictine Cathedral Priory (Priorado de Catedral Beneditina)

C Cistercians (Cistercienses)

D Dominicans (Dominicanos)

F Franciscans (Franciscanos)

S Secular Use (Uso Secular)

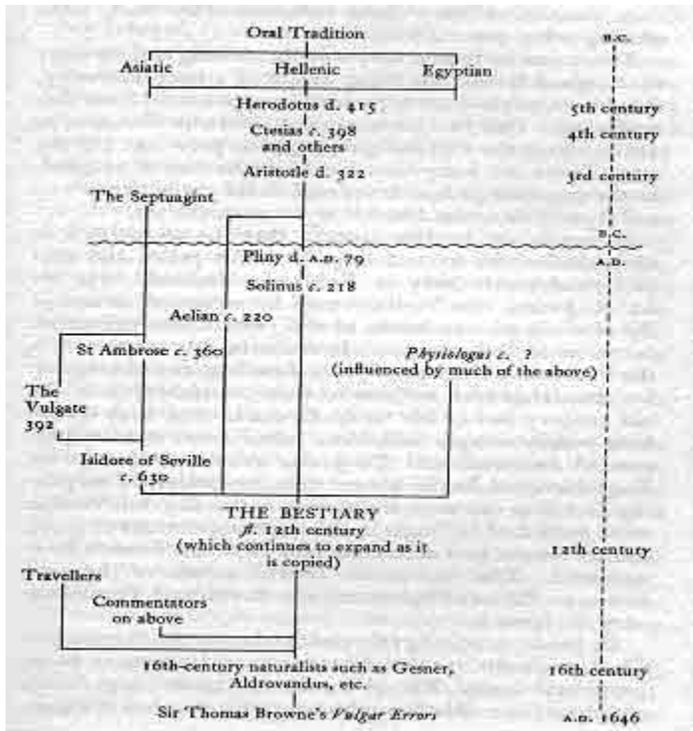
Embora o Bestiário, como tivémos oportunidade de verificar, seja herdeiro directo do *Fisiólogo* e deva a sua organização ao “De Animalibus” – o Livro XII das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha -, outros textos houve que determinaram o seu aparecimento, nomeadamente:

- a *Collectanea rerum memorabilium* de Solino (conhecida como *Polyhistor*, a partir da sua revisão no séc. VI);

- A *Historia naturalis* de Plínio, de que a obra de Solino atrás referida é uma versão;

- a obra de Aeliano;
- o *Hexaemeron* de Santo Ambrósio;
- *De Universo* de Rábano Mauro, que, no século VIII, acrescentou às *Etimologias* uma vertente moralizante;
- o *Pantheologus* de Pedro da Cornualha, que fornece uma interpretação religiosa das características dos animais mencionados nas Escrituras;
- a *Topographia hiberniae* de Giraldus Cambrensis (Gerald of Wales);
- a Bíblia.

As fontes autorais mais importantes que terão estado na origem do Fisiólogo e do Bestiário são apontadas por T. H. White, na sua tradução para inglês do Bestiário de Cambridge (Cambridge University Library II. 4. 26) através do livro *The Book of Beasts*. Num quadro adaptado da obra de Ansell Robin, *Animal Lore in English Literature*, White considera o Bestiário filho directo do *Fisiólogo* e de Isidoro de Sevilha:



Quadro 5

* * *

O Bestiário foi profundamente popular na Idade Média, a ela se circunscrevendo, devido à enorme importância do neoplatonismo na cultura medieval. O Bestiário assume-se, na verdade, como obra de raízes e tendências neoplatónicas, veiculando ainda os fundamentos subjacentes à exegese bíblica e à arte da memória. De facto, caracteriza-se como um texto híbrido, revelando-se, ao mesmo tempo, como livro naturalista, livro maravilhoso, livro de estudo, livro memmónico, livro exegetico, livro didáctico e livro alegórico.

Comecemos por lembrar que, no âmbito doutrina neoplatónica, da qual Orígenes e Santo Agostinho foram dois dos principais arautos, toda a realidade, incluindo a natureza e as criaturas, esconde e espelha (no sentido medieval de *speculum*) uma verdade divina e transcendental. Neste sentido, conhecer a realidade é um modo de conhecer Aquele que a criou, pelo que através do mundo material se pode aceder ao mundo espiritual. Neste caminho de ascese, a natureza funciona como um meio de glorificar a glória de Deus, não só porque espelha a perfeição da criação divina, mas também porque permite que, através da contemplação e do estudo, o homem ultrapasse o mundano para atingir o essencial. Na verdade, para os neoplatónicos, a natureza constitui um enorme livro aberto, escrito pela mão ou pelo dedo de Deus, como não se cansam de afirmar vários autores, tais como Santo Agostinho ou ainda Hugo de S. Victor e Bernardo Silvestre. Segundo estes, o mundo natural deve, pois, ser lido como um Livro onde o Senhor revela a sua vontade, à semelhança do que acontece com a Bíblia. Tal como o Livro dos Livros, também o Bestiário, ou Livro das Bestas, descrevendo a natureza e as criaturas, se assume como uma escrita natural, próxima daquela que deu origem à Sagrada Escritura produzida pela inspiração do Espírito Santo. E do mesmo modo que os vários livros que constituem a Bíblia possuem como objectivo último, na acepção de Santo Agostinho, revelar a Nova Lei da Caridade, também o Livro das Bestas encerra esta perspectiva agostiniana: nele se traça igualmente um caminho para o amor divino e para a perfeição. Sendo assim, entre as páginas sagradas da Bíblia e as páginas dos bestiários estabelece-se uma rede de correspondências semelhante à que une o mundo material ao mundo essencial e divino, pelo que também o Livro das Bestas contribui para glorificar o Senhor e para atingir a Sua Verdade. Por isso, também a sua escrita está próxima da escrita natural de Deus e, como ela, é teocêntrica, eterna e infinita.

É precisamente neste sentido neoplatónico que se deve entender a vertente alegórica do Bestiário. Foi a necessidade medieval de ler a Bíblia de uma forma alegórica que condicionou a própria

estrutura e organização do Livro da Natureza. A exegese bíblica radica, entre outros, num princípio fundamental: o Antigo Testamento prefigura o Novo Testamento; no Novo Testamento revela-se o Antigo e vice-versa. De facto, a teologia medieval, sobretudo o pensamento de Santo Agostinho, entendia que a oposição entre *signans* (o significado saussuriano) e *signatum* (o significante saussuriano) prefigurava a oposição entre o sensível e o inteligível. Todas as coisas (*res*) possuíam um *significatio* - um sentido espiritual. Este revestia-se de uma componente alegórica, pelo que a maioria dos textos eram, por conseguinte, dotados de três sentidos alegóricos, para além do seu sentido meramente literal: o alegórico, propriamente dito, o moral e o anagógico ou místico. Todos eles se encontram no Bestiário em que os animais se assumem como signos e símbolos de uma realidade transcendente, são revelações do Logos divino, pelo que só podem ser descodificados na sua estreita articulação com a Sagrada Escritura.¹³ As suas características literais reveladas na primeira parte das narrativas (a *naturas*) logo adquirem uma dimensão alegórica à qual se alia uma vertente moral (a *figuras*): o comportamento dos animais vem mostrar de que forma o homem deve evitar o pecado e aproximar-se da virtude. Além disso, vem também ilustrar determinados momentos da Sagrada Escritura, remetendo, finalmente, para uma interpretação mística e anagógica. Na verdade, as várias criaturas do Bestiário surgem constantemente referidas à voz, quer através do texto escrito quer através da imagem que o acompanha. No plano alegórico, esta voz evidencia-se como manifestação do Verbo, que, na Bíblia, é sopro de vida e unidade criadora, pelo que, também no Livro das Bestas assistimos à transfiguração dessa voz em não só em sopro, mas também em rugido (ex: o leão), hálito (ex: pantera), canto (ex: sereia) e até imitação do discurso humano (ex: hiena). Explorando, nas suas mais variadas formas, estas manifestações simbólicas da Palavra de Deus, tal como é revelada no Génesis e no Evangelho segundo S. João, o Bestiário é, portanto, sinónimo de ‘escrita natural’, na terminologia de Jacques Derrida.

* * *

¹³ De facto, para o homem medieval, no Grande Livro que é a Natureza, cada criatura é também um Livro e um *speculum* do Verbo Divino através do qual tudo foi criado, como nos recorda Alanus de Insulis: Cada criatura do universo, / quase como um livro ou um quadro / é para nós como um espelho; / da nossa vida, da nossa morte, / da nossa condição, da nossa sorte / fiel signo. (« Omnis mundi creatura / quasi liber et pictura / nobis est et speculum; / nostrae vitae, nostrae mortis, / nostri status, nostrae sortis / fidele signaculum. » - Alanus de Insulis, *De incarnatione Christi*. Citado por Umberto Eco, *Arte e beleza na estética medieval*, Lisboa, Editorial Presença, 1989, p. 87.

A vertente alegórica e simbólica do Bestiário não se situa apenas a nível do texto escrito, mas também a nível das imagens que o acompanham. De facto, na Idade Média, as imagens surgem como uma outra forma de leitura, proporcionando aos que não sabiam ler as palavras registadas pela escrita uma compreensão igualmente eficaz e viva das histórias bíblicas; as imagens constituem-se pois como a literatura dos laicos (*litterature laicorum*). Tal como o texto escrito, elas contam histórias: as mesmas histórias narradas pelas palavras, ou até outras histórias, porque dão ênfase a um determinado acontecimento narrativo, omitem pormenores ou adicionam outros. Por essa razão, tal como as palavras escritas, também as imagens são dotadas dos mesmos processos complexos que essas envolvem, isto é, a sua interpretação processa-se, de igual modo, em duas etapas: a *lectio* e a *meditatio*.¹⁴ Tal como acontece com o texto escrito, a imagem pode e deve ser lida a vários níveis, num processo gradual em que o sentido literal, através da contemplação, é ultrapassado para ceder lugar aos significados alegórico, moral e anagógico. Segundo S. Gregório, é esta dimensão das imagens como fonte de ensinamento e aprendizagem que as impede de ser encaradas como objecto de adoração e, em contrapartida, contribui para a sua função didáctica e moral.¹⁵ A arte da iluminura medieval reflecte também uma preocupação constante em atingir o ideal de totalidade e da união com Deus, aspecto a que nos temos vindo a referir.

No século XIII, entendia-se o termo ‘imagem’ mais como uma ‘semelhança’ do que como um ‘desenho’, ou seja, o seu significado prendia-se, em particular, com a palavra latina *similitudo* ou *species*. A palavra *species* era, sobretudo, utilizada no domínio da óptica e havia conhecido a sua origem nas doutrinas neoplatónicas que, de acordo com o pensamento de Plotino, assumiam que todas

¹⁴ *Lectio* e *meditatio* são as duas fases da *lectio divina* tal como é concebida pela Regra de S. Bento: “In the *Rule* we can distinguish the two elements which we have seen in the life of St. Benedict: the knowledge of letters and the search for God. The fundamental fact that stands out in this domain is that one of the principal occupations of the monk is the *lectio divina*, which includes meditation: *meditari aut legere*.” Jean Leclercq, (1961), *The love of learning and the desire for God. A Study of monastic culture*, New York, Fordham University Press, 1982, p. 13.

¹⁵ Relacionada com esta concepção neoplatónica da imagem transitória, veículo para a formação mental e intelectual da verdadeira imagem (esta entendida como *species* e associada à memória), encontra-se a distinção entre *lux* e *lumen*, também ela integrada nas teorias ópticas estabelecidas por Robert Grosseteste. Segundo estas teorias, a *lux* é a luz apreendida pelos olhos, sendo, portanto, a luz natural e imediata, enquanto o *lumen* designa a luz primordial, produzida pela radiação divina. Deste modo, também a luz contém em si mesma uma natureza dual em que um dos seus elementos (a *lux*) é considerado inferior ao outro, mas necessário como meio privilegiado de condução a um estágio superior, corporizado no seu outro elemento (o *lumen*). Significativamente, a etimologia da palavra iluminura radica no étimo latino *lumen* e não em *lux*. Logo, não só o termo sugere que as iluminuras são formas de captar e reflectir a luz (daí a utilização do ouro na pintura e dos metais nas encadernações), mas, acima de tudo, indica que é também pela iluminura que se alcança a verdadeira luz do conhecimento, protótipo da luz divina. Neste sentido, a iluminura não vem apenas ilustrar, vem também clarificar, explicar e comentar (*illuminare*). Dela resultam a leitura, a meditação e o estímulo da memória, pelo que, também ela permite alcançar o conhecimento e chegar mais perto da tão desejada comunhão com Deus.

as coisas emanavam o seu poder ao gerar múltiplas *species* que são apercebidas pela visão, mente e alma do receptor.¹⁶

A imagem, a verdadeira imagem entendida como *species*, é, portanto, de ordem mental ou espiritual, ao passo que a imagem figurativa constitui apenas a forma material e externa do objecto. A verdadeira imagem é interna e invisível e traduz-se pela linguagem verbal e pictórica, pelo que as *species* são signos naturais (*signa naturalia*) relativamente aos objectos ou coisas que representam. Nesta acepção, também as imagens são produtoras de sentido e assumem função idêntica à dos signos da linguagem verbal.¹⁷ Tendo em conta que a raiz da palavra *species* – *spec* – é também aquela que encontramos no termo *speculum*, podemos afirmar que a mente é como um espelho no qual se reflectem as imagens dos objectos. Neste sentido, tanto a mente como o próprio conhecimento radicam na produção, reprodução e representação pictóricas.¹⁸

Por iluminarem, no sentido medieval do termo, a verdadeira Palavra de Deus, os bestiários encontram-se entre os manuscritos que incluem algumas das melhores e mais bem elaboradas imagens do período medieval. Por essa razão, têm sido a História da Arte a área pioneira na abordagem e discussão do Bestiário. Entre esses estudiosos encontra-se Xenia Muratova. Para a autora russa, é na tradição zoológica clássica que as ilustrações dos bestiários encontram a sua origem. Na sua perspectiva, dada a ausência de manuscritos iluminados das *Etimologias* de Isidoro, os primeiros bestiários terão utilizado como fontes e modelos cópias de livros antigos de zoologia e cosmografia.

Não se sabe exactamente quando surgem os primeiros manuscritos de bestiários decorados com iluminuras. Os primeiros exemplos conhecidos de manuscritos decorados datam de cerca de 1180 e integram-se na evolução do livro iluminado em Inglaterra a partir do século XII. São eles os manuscritos-irmãos: o MS. Q. V. V. I. Da Biblioteca Pública de Leninegrado (o primeiro a integrar o ciclo da criação no Bestiário) e o Ms Pierpont Morgan 81 da Biblioteca de Nova Iorque e ambos pertencem à Família de Transição proposta por Florence McCulloch. As suas iluminuras possuem uma

¹⁶ “All existences, as long as they retain their character, produce – about themselves, from their essence, in virtue of the power which must be in them – some necessary, outward-facing hypostasis continuously attached to them and representing in image the engendering archetypes.” Plotino citado por Suzanne Lewis, *Reading images. Narrative discourse and reception in the thirteenth-century illuminated Apocalypse*, Cambridge and New York, Cambridge University Press, 1995, p. 8. – Esta teoria cognitiva, que radica na ideia da *species* como um poder ou uma força, permitindo alcançar poder espiritual sobre o objecto que é apreendido pela visão e pelo intelecto, foi formulada por Grosseteste e Roger Bacon. Para o último, a palavra *species* foi entendida como poder, forma, imagem ou semelhança.

¹⁷ Cf: teorias sobre o signo de Santo Agostinho.

¹⁸ O termo *speculum*, de acordo com o *Oxford English Dictionary*, para além de outros significados, refere-se a um espelho metálico que faz parte de um telescópio, assim como a uma lente reflectora (feita de vidro ou de metal) utilizada para fins científicos, pelo que podemos afirmar que a palavra *speculum* está relacionada com a ciência da óptica.

grande variedade de cores e são também pintadas a ouro. O auge da perfeição artística a este nível é atingido com manuscritos como o MS. Ashmole 1511 e o MS. Bodley 764 e seus manuscritos irmãos, respectivamente o Aberdeen Bestiary (MS. 24) e o MS. Harley 4751, todos eles considerados obras-primas da iluminura inglesa.

A grande diferença entre as ilustrações dos manuscritos do *Fisiólogo* em relação às dos bestiários radica no facto de, nas primeiras, se pretender veicular, também em termos pictóricos, a leitura alegórica, o que não acontece no Bestiário. O último revela um maior interesse pela organização do mundo animal recém-criado, tal como é descrito por Isidoro. De facto, as imagens dos bestiários dedicam mais atenção ao animal e à posição que este ocupa na ordenação do mundo do que ao seu sentido moral e alegórico. Assim, nos primeiros bestiários de que são exemplo o MS Laud. Misc. 247 e o B. M. Stowe 1067 aqui referidos, é dada maior importância à descrição da Criação propriamente dita do que às moralizações cristãs que estão no centro das várias versões do *Fisiólogo*. É o que se pode verificar quando se comparam as imagens de um determinado animal de um *Fisiólogo* com as do mesmo animal de um Bestiário (ver figs. 4, 5 e 6).



Figura 4: iluminura do antílope no MS. Bibl. Roy. 10066-77, f. 141 r.

A metade de cima mostra o antílope com os cornos presos numa árvore, não podendo assim fugir do caçador que o fere no peito com uma lança. A metade de baixo ilustra a alegoria subjacente: Cristo ensina a lição a retirar da história do antílope, nomeadamente de que o homem deve evitar as armadilhas tecidas pelo diabo.

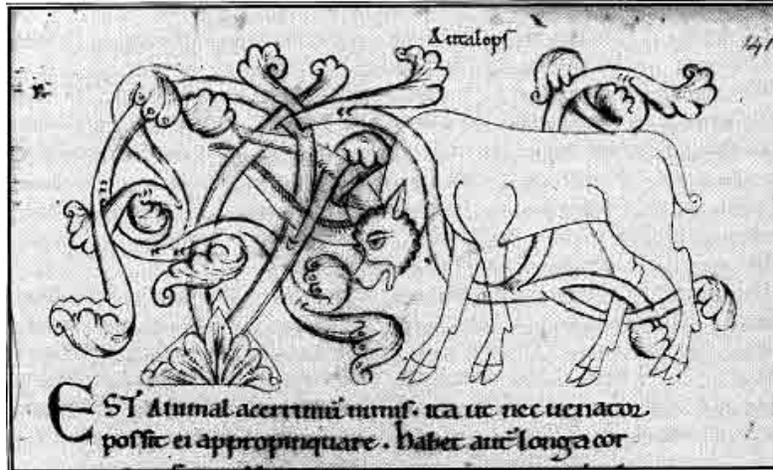


Figura 5: iluminura do antílope no Oxford, Bodleian Library, MS. Laud Misc. 247, f. 141r. A moralização não é ilustrada.



Figura 6: iluminura do antílope em B.M., MS. Stowe 1067, f. 1v. Muito semelhante à do MS. Laud. Misc. 247.

A ênfase que no *Fisiólogo* era atribuída, em termos pictóricos, à dimensão alegórica do texto, transforma-se numa preocupação centrada no ciclo da criação, baseada no Génesis, de conteúdo mais enciclopédico. Ao contrário do que acontece no *Fisiólogo*, é frequente que alguns dos primeiros bestiários se iniciem com passos extraídos do *Hexaemeron* de Santo Ambrósio, dando conta do ciclo da Criação em seis dias, e com imagens que pretendem ilustrar esse ciclo, como acontece, por exemplo, com o MS. Ashmole 1511 (ver figs. 7, 8 e 9).¹⁹

¹⁹ Os manuscritos introduzidos pela história da criação, para além do MS. Ashomole 1511, são os seguintes: o MS. Q. V. V. I. Da Biblioteca Pública de Leningrado, MS. 24 da Biblioteca de Aberdeen, o MS. 61 do St. John's College em Oxford, o bestiário de Alnwick Castle e o MS. 372 da Biblioteca Gonville & Caius College em Cambridge. Todos estes manuscritos pertencem ao século XIII.



Figura 7: a criação do céu.
 (MS. Ashmole 1511)



Figura 8: a criação das aves e dos peixes.
 (MS. Ashmole 1511)



Figura 9: a criação dos animais terrestres.
 (MS. Ashmole 1511)

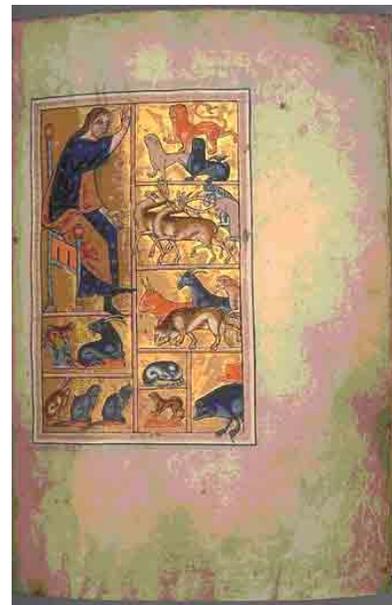


Figura 10: Adão dá nome aos animais.
 (Aberdeen Bestiary)

O que também não acontece no *Fisiólogo* é que muitos destes manuscritos integram ainda uma imagem de Adão a nomear os animais que, como referimos em nota, é baseada em Isidoro e não no texto bíblico.²⁰ Pela imagem é, de facto, possível, por um lado, ligar o ciclo da criação ao propósito moral e didáctico do Bestiário e, por outro, salientar a importância da interpretação etimológica através da qual se cria um laço indissociável entre a coisa ou objecto (neste caso, o animal) e a sua realidade expressa através da articulação verbal. A imagem de Adão a dar nomes aos animais alia, portanto, a voz e a coisa visível; ou seja, a própria iluminura remete para a relação mística entre Adão e Cristo, o novo Adão. Para além disso, a demarcação por meio de linhas entre a figura humana e as figuras animais é também uma forma de separar o homem, dotado de razão (e, portanto, superior) dos animais irracionais.

Para além disso, a iluminura de Adão a dar o nome aos animais revela uma perspectiva, também ela de raiz neoplatónica que radica, por exemplo, em Santo Agostinho, segundo a qual todas as criaturas, por mais estranhas e curiosas que possam parecer, foram todas criadas por Deus e, como tal, todas exprimem a beleza suprema da criação divina.²¹

É esta nova perspectiva que está na origem da deslocação das ilustrações do final do texto, tal como surgiam no *Fisiólogo*, para o seu início. Ao abrirem o capítulo em vez de o fecharem, as imagens deixam de depender única e exclusivamente da leitura do texto para introduzirem, quase como um título, o animal que é descrito. Esta é, na verdade, a primeira grande alteração revelada pelos primeiros bestiários relativamente ao *Fisiólogo*.

Enquanto os manuscritos da Segunda Família reflectem sobre o mito da Criação genesíaca, a Terceira Família de bestiários apresenta uma preocupação de ordem diferente: neles os animais descritos são precedidos das raças monstruosas e seguidos de monstros fabulosos em secções que são baseadas novamente nas *Etimologias* de Isidoro e que revelam ainda o impacto da nova literatura de viagens na cultura e literatura medievais. A ênfase aqui parece ser dada ao género humano, aos seus próprios limites e também às suas diferentes manifestações.

²⁰ Os manuscritos em que a imagem de Adão a dar nomes aos animais precede o texto escrito que, por sua vez, se inicia com a descrição dos seis dias da Criação, são exactamente os seis manuscritos citados na nota anterior.

²¹ Cf: Santo Agostinho, *A cidade de Deus*, trad. J. Dias Pereira, capítulo VIII, Livro XVI, vol. 3, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p. 1473, p. 1476.



Figura 11: raças monstruosas.
(Westminster Abbey, MS. 22)

Segundo Debra Hassig, as imagens dos bestiários dividem-se em dois tipos fundamentais: as imagens narrativas e os retratos de animais. As imagens nos Bestiários pertencem a um de dois tipos fundamentais: as imagens narrativas, que representam as características do animal tal como são descritas no texto (neste caso, as ilustrações contribuem para dar ênfase à moralização registada no texto escrito), e os retratos de animais em que o animal surge isolado sem estar associado a qualquer tipo de comportamento.²²

²² “Generally speaking, an image may be considered a portrait if one creature, a pair, or a group of the same type are represented doing nothing in particular against a plain or decorated ground in a framed or unframed space. (...) Narrative imagery either corresponds to an accompanying textual anecdote or represents an action or characteristic described as typical of the animal.” Debra Hassig, *Medieval bestiaries: Text, image, Ideology*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995, p. 11.

Os retratos são especialmente utilizados quando se trata de aves. Por vezes, estas formam desenhos geométricos como a imagem da poupa no MS. Ashmole 1511 e a belíssima imagem da lebre, no MS. Bodley 764, que, não sendo uma ave, está incluída neste segundo tipo de figuração.

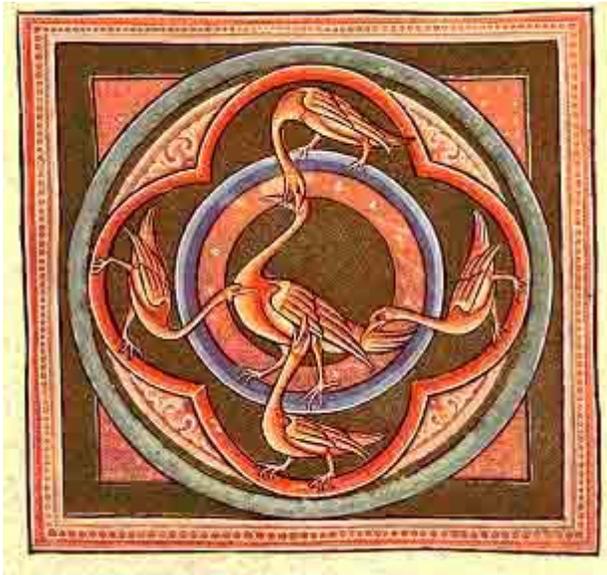


Figura 12: Poupa.
(MS. Ashmole 1511)



Figura 13: Lebre.
(MS. Bodley 764)

Por sua vez, as imagens narrativas, muitas delas evocando paisagens rurais ou ambientes urbanos, têm a particularidade de representar a passagem do tempo, bem como os movimentos e direcções tomados por certas figuras e as sequências narrativas da história ilustrada. É o que acontece, por exemplo, com as imagens do castor a fugir dos caçadores ou do cão que reconhece o dono, em que a repetição das figuras dos animais em momentos diferentes da acção representa a passagem do tempo e episódios variados (ver fig. 14). De resto, o número existente de retratos e de ilustrações narrativas é sensivelmente o mesmo.

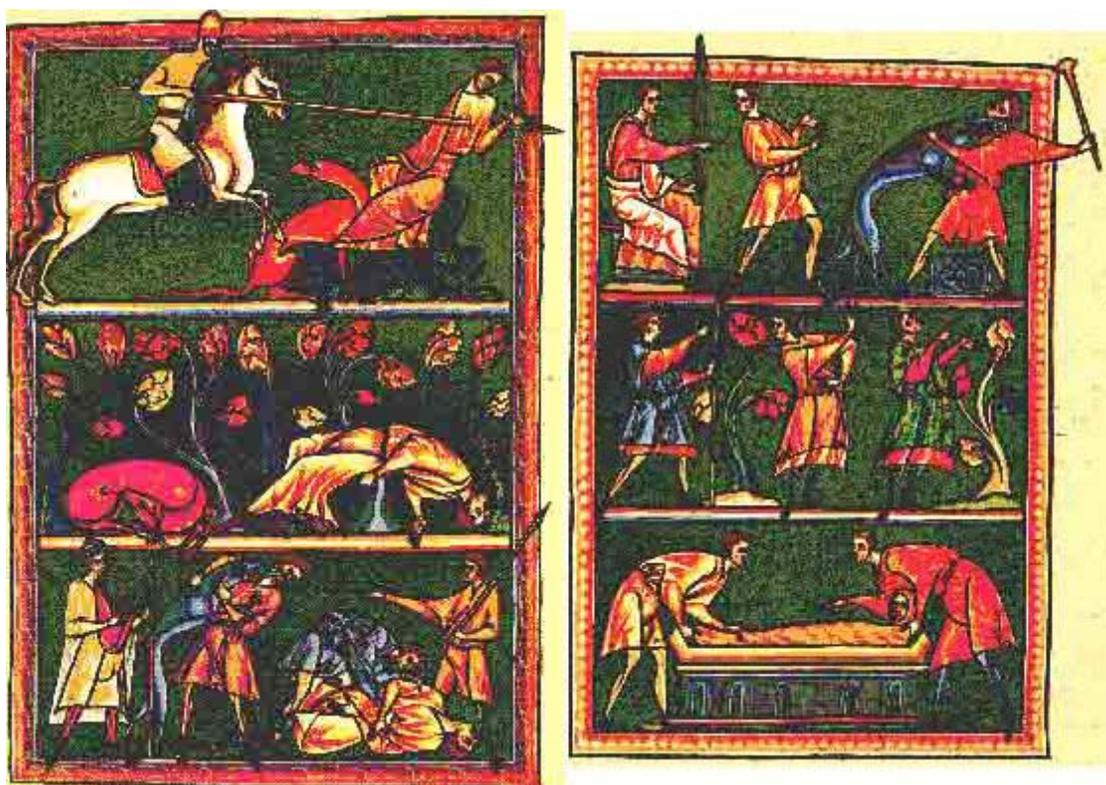


Figura 14: passagem do tempo na iluminura do cão.
(MS. Ashmole 1511)

O tamanho das iluminuras varia de bestiário para bestiário: alguns animais ocupam toda a página. É o caso paradigmático do leão, embora a página inteira seja também dedicada às imagens relacionadas com a Criação – (ver novamente figs. 7, 8 e 9) - ou as imagens de Adão a atribuir nome aos animais (ver novamente fig. 10).²³ À exceção destes casos, a grande maioria das criaturas surge em imagens mais pequenas que podem ser enquadradas, tanto em formas rectangulares como circulares. Deste modo, as imagens variam de manuscrito para manuscrito, o que depende não só da arte do pintor e dos aspectos que esse pretende realçar, mas também da vontade expressa pelos patronos da obra.²⁴

Além disso, alguns destes manuscritos funcionavam como modelos a partir dos quais se copiavam futuras ilustrações. É o caso do Bestiário Hofer-Kraus que teria sido utilizado como manual, em virtude do picotado que rodeia as iluminuras.²⁵ Apesar da existência destes manuais, a maioria das criaturas teria sido ilustrada de memória, em especial aquelas que eram familiares, como é o caso dos animais domésticos. No que diz respeito aos animais selvagens, a situação tornava-se um pouco mais complicada. A população medieval desconhecia o aspecto de um leão ou de um tigre, ainda que alguns espécimens fossem, por vezes, exibidos em feiras e até em festas da aristocracia.²⁶ O crocodilo é um exemplo claro de como um animal desconhecido pode estimular a imaginação de um criador de iluminuras: as imagens que acompanham o crocodilo mostram-no, em geral, como um quadrúpede, que muitas vezes se assemelha a um touro ou a um urso (ver fig. 15). A despreocupação destes artistas relativamente ao verdadeiro aspecto dos animais que representam deve-se ao facto de entenderem o Bestiário como uma obra de vertente

²³ Cf: Génesis 1:20-5; Génesis 2:19-20.

²⁴ Segundo Varga, esta escolha das imagens, por parte dos copistas, depende do momento que decidem seleccionar para representar pictoricamente (o designado ‘pregnant moment’), mas também daquilo que adicionam ou omitem do texto escrito. O copista, ao optar por determinada imagem, está na verdade a interpretar, como diz Varga: “The interpreter is never an exact translator; he selects and judges.” (Kibédi A. Varga, "Criteria for describing word-and-image relations" in *Poetics today* 10 (I), 1989, pp. 31-53, p. 44).

²⁵ Cf: S. A. Ives and H. Lehman-Haupt, *An english thirteenth-century bestiary: A new discovery in the technique of medieval illumination*, New York, H. P. Kraus, 1942.

²⁶ Matthew Paris desenhou, na *Chronica majora*, um elefante doado, em 1255, a Henrique III pelo rei Luís XI de França, o Rei Santo, que o havia trazido de África durante as Cruzadas. Ver imagem em Janetta Rebold Benton, *The medieval menagerie: Animals in the art of the Middle Ages*, New York and London, Abeville Press Publishers, 1992, p. 97.

alegórica, destinada ao ensinamento moral e à formação espiritual e não como uma obra de carácter naturalista.²⁷



Figura 15: crocodilo.

²⁷ Há, contudo, autores contemporâneos que muito têm acentuado a reprodução pictórica exacta de alguns animais, em especial de aves, assim tentando demonstrar que, pelo menos a este nível, existia por parte destes artistas um cuidado posto na observação directa da natureza – Brunsdon Yapp, como ornitólogo, dedicou grande parte das suas publicações a esta questão. Cf: Brunsdon Yapp, “Animals in medieval art: the Bayeux tapestry as an example” in *Journal of medieval history*, vol. 13, nº. 1, March 1987, pp. 15-75; “Birds in bestiaries: Medieval knowledge of Nature in *The Cambridge Review*, 105, Nov. 1984, pp. 183-90; “A New Look at English Bestiaries” in *Medium Aevum*, Vol. LIV, nº. 1, 1985, pp. 19; obra publicada em parceria com Wilma George, *The naming of the beasts: Natural history in the medieval bestiary* (1991).

Ainda que os bestiários sejam obras de propósito didáctico, controladas pela Igreja, não apresentando grandes variações no que diz respeito aos símbolos animais que aí são utilizados como *exempla*, a sua estrutura não é monológica. Por um lado, porque a articulação entre o texto escrito e a imagem que habitualmente o acompanha permite uma infinidade de leituras diferentes. Estas são, por vezes, estimuladas pelo facto de as ilustrações veicularem informação que pode estar ausente do texto escrito. Aquilo que se opta por ilustrar nas iluminuras estabelece com a parte escrita do género uma relação dialógica, em que, frequentemente, o que está em causa é questionar a ideologia dominante. Por outro lado, as próprias narrativas animais podem ser ambivalentes, uma vez que as criaturas nelas descritas não funcionam como símbolos uniformes, podendo ser lidas *in bono* ou *in malo*, dependendo do contexto em que surgem. É exactamente o que nos diz o precursor dos exegetas medievais na sua obra canónica *De doctrina christiana*. Santo Agostinho, neste texto, defende a ambivalência dos símbolos, recorrendo aos animais para confirmar a sua teoria.

* * *

Se o Bestiário desapareceu no final da Idade Média, isso deve-se decerto à dissolução do neoplatonismo cujas preocupações simbólicas e alegóricas deixaram de se coadunar com as novas preocupações naturalistas fomentadas pela tradução dos tratados de Aristóteles divulgados a partir do século XIII. E se Aristóteles começou por ser condenado no ensino universitário medieval, logo os seus estudos passaram a ser aceites com entusiasmo por homens como Alberto Magno, Roger Bacon ou Robert Grosseteste. O naturalismo aristotélico originou uma nova visão do mundo natural, mais racionalista, baseada na observação directa e no raciocínio lógico que dominaram o pensamento europeu até ao século XVII e à Revolução Científica. Esta nova visão da natureza, que encontrou no nominalismo de William of Ockam a sua fundamentação filosófica, originou primeiro o desmembramento e depois o desaparecimento do Bestiário. As várias narrativas animais começaram a autonomizar-se e a surgir noutros manuscritos, como missais e Livros de Horas, como testemunham os Livros de Salmos das rainhas Isabella e Mary, ambos do século XIV (respectivamente, Munique, Bayerische Staatsbibliothek, MS. Gall.16 e London, British Library, MS. Royal 2.B.VII) . No primeiro, por exemplo, existem várias

iluminuras que se baseiam no Bestiário, entre as quais a de uma raposa que falseia a morte para capturar as aves que lhe começam a debicar o corpo.



Figura 16: *Isabella Psalter* (Munique, Bayerische Staatsbibliothek, MS. Gall. 16).

Compare-se esta imagem com uma iluminura de um *Fisiólogo*:



Figura 17: a raposa finge a morte
(*Physiologus* - versão Y)

O Bestiário propriamente dito havia já desaparecido na transição da época medieval para a renascentista. De facto, no século XVI, o drama shakespeariano revela que as metáforas animais não possuem já uma preocupação teológica ou exegética, mas pretendem, por outro lado, discorrer sobre a organização do mundo social e político, cumprindo ainda funções de natureza estética e ideológica. Deste modo, na sua apropriação da temática animal, Shakespeare não recorre aos bestiários, mas a fontes clássicas, em especial às fábulas esópicas circulavam pela Europa no século XV. A presença dos animais nas peças de Shakespeare revela o espírito antropocêntrico característico dos tempos da época.

Hoje em dia, perduram ainda algumas metáforas animais que remontam ao simbolismo medieval, porventura as mais populares, como a da raposa manhosa e bajuladora, do leão régio e majestoso ou do cão fiel. Outras histórias, contudo, como a da pantera de hálito doce ou da doninha que concebe pela boca e dá à luz pelo ouvido, ficaram perdidas no tempo, nas páginas dos manuscritos medievais ou nos bestiários em pedra constituídos pelas igrejas e catedrais .

Bibliografia:

1. Bibliografia Primária:

a) manuscritos dos bestiários latinos produzidos em Inglaterra

Aberdeen Bestiary

Aberdeen, University Library, MS. 24
North Midlands (?), c. 1200.

A D D. 11283

London, British Library, Add. MS. 11283
Inglaterra, c. 1170.

Ashmole Bestiary

Oxford, Bodleian Library, MS. Ashmole 1511
Inglaterra, c. 1200.

Bodley 602

Oxford, Bodleian Library, MS. Bodley 602
Sul de Inglaterra, c. 1230.

Bodley 764

Oxford, Bodleian Library, MS. Bodley 764
Salisbury (?) c. 1240-50.

Cambridge Bestiary

Cambridge, University Library, MS. Ii.4.26
North Midlands (?) c. 1200-10.

Canterbury Bestiary

Canterbury, Cathedral Library, MS. Lit.D.I0
Inglaterra, c. 1300.

Corpus Christi 22

Cambridge, Corpus Christi College, MS. 22
Inglaterra, século XII.

Fitzwilliam 254

Cambridge, Fitzwilliam Museum, MS. 254
Região de Londres (?) c. 1220-30

Fitzwilliam 379

Cambridge, Fitzwilliam Museum, MS. 379
Inglaterra, c. 1300

FR. 14969

Paris, Bibliothèque Nationale, MS. fr. 14969
Londres (?) ou Oxford (?) c. 1265-70

Gonville and Caius Bestiary

Cambridge, Gonville and Caius College, MS. 384/604
Inglaterra, c. 1270-90.

Harley 3244

London, British Library, MS. Harley 3244
Inglaterra, depois de 1255.

Harley 4751

London, British Library, MS. Harley 4751
Salisbury (?) c. 1230-40.

Laud. Misc. 247

Oxford, Bodleian Library, MS. Laud. Misc. 247
Inglaterra, c. 1120.

Morgan Bestiary

New York, Pierpont Morgan Library, MS. M. 81
Lincoln (?) c. 1185.

Northumberland Bestiary

anteriormente Alnwick Castle, MS. 447 (de momento faz parte de colecção privada)
Norte de Inglaterra (?) c. 1250-60.

Nuneaton Book

Cambridge, Fitzwilliam Museum, MS. McClean 123
Inglaterra, c. 1280-1300.

Peterborough Bestiary

Cambridge, Corpus Christi College, MS. 53

Inglaterra, c. 1300 (junto a *Psalter and Peterborough Chronicle* - c. 1304-21).

Rochester Bestiary

London, British Library, MS. Royal 12.F.XIII
Sudeste de Inglaterra, c. 1230.

Royal 12.C.XIX

London, British Library, MS. Royal 12.C.XIX
Durham (?) c. 1200-1210.

St. John's 61

Oxford, St. John's College, MS. 61
York (?) c. 1220.

St. John's 178

Oxford, St. John's College, MS. 178
Abadia de Westminster, c. 1300.

St. Petersburg Bestiary

(anteriormente *Leningrad Bestiary*)

São Petersburgo, State Public Library Saltykov-Shchedrin, MS. Lat. Q.v.V.I
North Midlands, c. 1190-1200.

Trinity College Bestiary

Cambridge, Trinity College Library, MS. R.14.9
Oxford (?) c. 1260-70.

University Library Bestiary

Cambridge, University Library, MS. Kk.4.25
Londres, c. 1230.

Vatican Bestiary

Roma, Biblioteca Apostolica Vaticana, MS. Reg. Lat. 258
North Midlands (?) c. 1200-1210.

Westminster 22

London, Westminster Abbey Library, MS. 22
York (?) c. 1270-90.

Manuscritos relacionados:

FR. 24428

Paris, Bibliothèque Nationale, MS. fr. 24428
N. França (Champagne), c. 1270 (?)

Isabella Psalter

Munique, Bayerische Staatsbibliothek, MS. gall.16

Inglaterra, 1303-8(?)

Queen Mary Psalter

London, British Library, MS. Royal 2.B.VII
Inglaterra, c. 1310-20.

b) edições dos manuscritos do *Fisiólogo* e dos bestiários

BEAUVAIS, Pierre de, *Le Bestiaire de Pierre de Beauvais (version courte)*, Guy Mermier (ed.), Paris, A. G. Nizet, 1977.

- - - *Le Bestiaire de Pierre de Beauvais* in Gabriel Bianciotto (trad.), *Bestiaires du Moyen Âge*, Paris, Stock, 1980.

Le Bestiaire (Réproduction en fac-similé des miniatures du manuscrit du Bestiaire Ashmole 1511 de la Bodleian Library d'Oxford), Marie-France Dupuis et Sylvain Louis (trad.), Paris, Philippe Lebaud, 1988.

The Bestiary. Being an English Version of the Bodleian Library, Oxford MS. Bodley 764 with all the original miniatures reproduced in facsimile, Richard Barber (ed.), Woodbridge, The Boydell Press, 1993.

The Epic of the Beast. Consisting of English Translations of the History of Reynard the Fox and Physiologus, William Rose (ed.), London, George Routledge & Sons, 1925.

El Fisiólogo. Bestiario Medieval, Marino Ayerra Redín e Nilda Guglielmi (eds. e trads), Rivadavia, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1971. (tradução baseada na edição de Francis J. Carmody, "Physiologus Latinus. Versio Y" in *Publications in Classical Philology*, vol. 12, nº. 7, 1941, pp. 95-134.).

FOLIETO, Hugo de, *Aviarius*, ed. Willene Clark, *The Medieval Book of Birds: Hugh of Fouilloy's Aviarius*, Binghamton and New York, Medieval and Renaissance Texts and Studies, 1992.

FOURNIVAL, Richard de, *Le Bestiaire d'Amour*, ed. C. Hippeau, Geneva, Slatkine, 1969.

- - - *Le Bestiaire d'Amour de Richard de Fournival* in Gabriel Bianciotto (trad.), *Bestiaires du Moyen Âge*, Paris, Stock, 1980.

GERVAISE, "Le Bestiaire de Gervaise", ed. Paul Meyer in *Romania*, vol. I, 1872, 420-43.

GUILLAUME LE CLERC, *Le Bestiaire Divin de Guillaume Clerc de Normandie*, ed. C. Hippeau, Geneva, Slatkine, 1970.

_____, *Le Bestiaire Divin de Guillaume Clerc de Normandie (extraits)* in Gabriel Bianciotto (trad.), *Bestiaires du Moyen Âge*, Paris, Stock, 1980.

JAMES, M. R., *The Bestiary; Being a Reproduction in Full of the Manuscript li.4.26 in the University Library, Cambridge, With Supplementary Plates from Other Manuscripts of English Origin, and a Preliminary Study of the Latin Bestiary as Current in England*, Oxford, Roxburghe Club, 1928.

- - - "The Bestiary in the University Library" in *Aberdeen University Library Bulletin*, 36, 1928, pp. 1-3.

LATINI, Brunetto, *Li Livres dou Trésor* in Gabriel Bianciotto (trad.), *Bestiaires du Moyen Âge*, Paris, Stock, 1980.

Middle English Physiologus, Hanneke Wirtjes (ed.), Oxford, Oxford University Press, E.E.T.S., 1991.

Old English Elene, Phoenix, and Physiologus, Albert Stanburrough (ed.), Cook, New Haven [CT], 1919.

An Old English Miscellany (containing, a Bestiary, Kentish sermons, Proverbs of Alfred, Religious Poems of the Thirteenth Century), Rev. Richard Morris (ed.), New York, Kraus Reprint, 1988.

Physiologus Latinus. Éditions Préliminaires, Versio B, Francis J. Carmody (ed.), Paris, E. Droz, 1939.

"Physiologus Latinus. Versio Y", Francis J. Carmody (ed.) in *The University of California Publications in Classical Philology*, vol. 12, n.º 7, 1941, pp. 95-134.

Physiologus, Michael J. Curley (ed.), Austin & London, University of Texas Press, 1979.

THAON, Philippe de, *Le Bestiaire de Philippe de Thaun*, ed. E. Walberg, Lund, 1900.

THEOBALDUS, *Theobaldi "Physiologus"*, P. T. Eden (ed.), Leiden und Koln, E. J. Brill, 1972.

WHITE, T. H., *The Book of Beasts*, New York, G. P. Putnam's Sons, Capricorn Books, 1960.

2. Bibliografia Secundária (sobre O Fisiólogo, o Bestiário e a Simbologia Animal)

ARMENGAUD, F. & D. Poirion, "Bestiaires" in *Encyclopaedia Universalis*, III, Paris, Encyclopaedia Universalis France, 1968.

BARBER, Richard & Anne Riches, *A Dictionary of Fabulous Beasts*, Ipswich, The Boydell Press, 1971.

BATANY, Jean, "Animalité et Typologie sociale: quelques parallèles médiévaux" in *Epopée Animale, Fable, Fabliau. Actes du IVe Colloque de la Société Internationale Rennardienne* (Evreux, 1981), G. Bianciotto et Michel Salvat (eds.), Paris, Publications de L'Université de Rouen, 1984, pp. 39-54.

BAXTER, Ron, *Bestiaries and their Users in the Middle Ages*, Gloucestershire, Sutton Publishing Ltd., 1998.

BAXTER, Ronald, "A Baronial Bestiary. Heraldic Evidence for the Patronage of MS. Bodley 764" in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 50, The Warburg Institute, University of London, 1987, pp. 196-200.

BEER, Jeanette, "Duel of Bestiaries" in *Beasts and Birds of the Middle Ages: the Bestiary and its Legacy*, Willene B. Clark and Meradith T. McMunn (eds.), Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1989, pp. 96-105.

BELLON, Roger, "La parodie épique dans les premières branches du Roman de Renart" in *Epopée Animale, Fable, Fabliau. Actes du IVe Colloque de la Société Internationale Rennardienne* (Evreux, 1981), G. Bianciotto et Michel Salvat (eds.), Paris, Publications de L'Université de Rouen, 1984, pp. 71-94.

BENTON, Janetta Rebold, *The Medieval Menagerie: Animals in the Art of the Middle Ages*, New York and London, Abeville Press Publishers, 1992.

BIANCIOTTO, Gabriel, "Sur le Bestiaire d'Amour de Richard de Fournival" in *Epopée Animale, Fable, Fabliau. Actes du IVe Colloque de la Société Internationale Rennardienne* (Evreux, 1981), G. Bianciotto et Michel Salvat (eds.), Paris, Publications de L'Université de Rouen, 1984, pp. 107-119.

BIDARD, Josseline, "Reynard the Fox as Anti-Hero" in Leo Carruthers (ed.), *Heroes and Heroines in Medieval English Literature* (A Festschrift Presented to André Crépin on the Occasion of his 65th Birthday) 1994, pp. 119-123.

BLAKE, N. F., « Reynard the Fox in England" in E. Rombauts and A. Welkenhuysen (eds.), *Aspects of the Medieval Animal Epic* (Proceedings of the International Conference – Louvain, May 15-17 / 1972), The Hague, Leuven University Press, 1975, pp. 53-65.

BORGES, Jorge Luis e M. Guerrero, *Manuel de Zoologie Fantastique*, Bourgeois, 1957.

CAHIER, Charles & Arthur Martin, "Bestiaires" in *Mélanges d'archéologie, d'histoire et de littérature*, Paris, 1847-56.

CAHIER, Charles, "Du Bestiaire et de quelques questions qui s'y rattachent" in *Nouveaux Mélanges d'archéologie, d'histoire et de littérature*, Paris, 1974, I: 106-74.

CARMODY, Francis J., "De bestiis et aliis rebus and the Latin *Physiologus*" in *Speculum* 13, 1938, pp.153-59.

- - - "Le Diable des Bestiaires" in *Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises*, n^{os}. 3-4-5, 1953, pp. 79-85.

CHAMBEL, Pedro, *A Simbologia dos Animais n'A Demanda do Santo Graal*, (Dissertação de Mestrado) Cascais, Patrimonia, Dissertações, 2000.

CHERRY, John (ed.), *Mythical Beasts*, London, British Museum Press, 1995.

CLARK, Ann, *Beasts and Bawdy*, New York, Taplinger, 1975.

CLARK, Willene B., "The Illustrated Medieval Aviary and the Lay-Brotherhood" in *Gesta* 21, 1982, pp. 63-74.

- - - "The Aviary-Bestiary at the Houghton Library, Harvard" in *Beasts and Birds of the Middle Ages: the Bestiary and its Legacy*, ed. Willene B. Clark and T. McMunn, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1989, pp. 26-52.

CLARK, Willene B. & Meredith T. McMunn (eds.), *Beasts and Birds of the Middle Ages. The Bestiary and Its Legacy*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1989.

CLÉBERT, Jean Paul, *Dictionnaire du Symbolisme Animal. Bestiaire Fabuleux*, Paris, Albin Michel, 1971.

CLEDAT, Jean-Paul, *Bestiaire Fabuleux*, Paris, Albin Michel, 1971.

COMBARIEU, Micheline de, « Des Animaux et des hommes : se parler / se battre (étude sur la branche X du Roman de Renart) » in *Le Goupil et le Paysan (Roman de Renart, branche X)*, Jean Dufournet (ed.), Paris, Librairie Honoré Champion, 1990, pp. 35-56.

CRONIN, C. Jr., "The Bestiary and the Medieval Mind. Some Complexities" in *Modern Language Quarterly*, 2, 1941, pp. 191-198.

CRUZ, Noémia, *Os Animais e a Literatura: Ensaio* (tese de licenciatura em Filologia Românica), Lisboa, Faculdade de Letras, 1942.

CURLEY, Michael J., "Physiologus, Φυσιολογία and the Rise of Christian Nature Symbolism" in *Viator* 11, 1980, pp. 1-10.

DAVY, Marie-Madeleine, *L'Oiseau et sa Symbolique*, Paris, Albin Michel, 1992.

DELORT, Robert, "Les Animaux en Occident du Xe au XVIe Siècle" in *Le Monde Animale et ses Représentations au Moyen Âge (Xie - XVe Siècles). Actes du XVème Congrès de la*

Société des Historiens Médiévistes de L'Enseignement Supérieur Public, Toulouse, 25-26 Mai, 1984, pp. 11-45.

DIEKSTRA, F. N. M., "The *Physiologus*, the Bestiaries and Medieval Animal Lore" in *Neophilologus* 69, 1985, pp. 142-155.

DRUCE, George C., "The Medieval Bestiaries and their Influence on Ecclesiastical Decorative Art" in *Journal of the British Archaeological Association*, n.s. 25, 1919, pp. 40-82.

DUCHAUSSOY, Jacques, *Le Bestiaire Divin ou la Symbolique des Animaux*, Paris, La Colombe, 1958.

DUNCAN, Thomas Shearer, "The Weasel in Religion, Myth, and Superstition" in *Washington University Studies* (Humanistic Series) 12, 1924, pp. 33-66.

FARAL, E., "La Queue de poisson des sirènes" in *Romania* 74, 1953, pp. 433-506.

FERREIRA, Júlia Dias, "'Smale Foweles Maken Melodye': Vozes de Aves na Poesia Medieval" in *Actas do XV Encontro da A.P.E.A.A.*, Évora, Évora, Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora, 1994, pp. 153-160.

FINNAZZI-AGRÒ, E., "Bestiários" in *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. G. Lanciani e G. Tavani, Lisboa, Caminho, 1993, pp. 83-85.

FLINN, John, *Le Roman de Renart dans la Littérature Française et dans les Littératures Étrangères au Moyen Âge*, Toronto, University of Toronto Press, 1963.

- - "L'iconographie du Roman de Renart" in E. Rombauts and A. Welkenhuysen (eds.), *Aspects of the Medieval Animal Epic* (Proceedings of the International Conference – Louvain, May 15-17 / 1972), The Hague, Leuven University Press, 1975, pp. 257-265.

FLORES, Nona C. (ed.), *Animals in the Middle Ages. A Book of Essays*, New York and London, Garland Publishing, 1996.

FOULET, Lucien, *Le Roman de Renard*, Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1914.

FROGER, Jean-François & Jean-Pierre Durand, *Le Bestiaire de la Bible*, Méolans, Éditions DésIris, 1994.

GATHERCOLE, Patricia May, *Animals in Medieval French Manuscript Illumination*, Lewiston, New York, E. Mellen Press, 1995.

GEORGE, Wilma, "The Bestiary: a Handbook of the Local Fauna" in *Archives of Natural History* 10, 1981-82, pp. 187-203.

- - - "The Living World of the Bestiary" in *Archives of Natural History*, 12, 1985, pp. 161-164.

GEORGE, Wilma & Brunson Yapp, *The Naming of the Beasts: Natural History in the Medieval Bestiary*, London, 1991.

GONÇALVES, Maria Isabel Rebelo, *Imagens e Símbolos Animais na Poesia Greco-Latina* (2 vols), dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1983.

- - - “Simbologia Animal: Prolongamentos Clássicos na Tradição Literária da Idade Média” in *Actas del I Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, ed. de Vicenç Béltran, Barcelona, PPU, 1988, pp. 321-27.

GREEN, Miranda, *Animals in Celtic Life and Myth*, London, Routledge, 1992.

HAGTINGIUS, Tobias, “A Pornographic Fox” in *Epopée Animale, Fable, Fabliau*, Gabriel Bianciotto et Michel Salvat (eds.), (Actes du IV Colloque de la Société Internationale Renardienne, Evreux 7–11 Septembre, 1981), Paris, Presses Universitaires de France, 1984, pp. 335-248.

HARTHAN, J. P., “Animals in Art.IX. Medieval Bestiaries” in *Geographical Magazine*, 22, 1949, pp. 182-190.

HASSAL, W. O., “Bestiaires d’Oxford” in *Les Dossiers d’Archéologie*, 16, 1976, p.73 ff.

HASSIG, Debra, “Beauty in the Beasts: a Study of Medieval Aesthetics” in *Res* 19-20, 1990-91, pp.137-61.

- - - *Medieval Bestiaries: Text, Image, Ideology*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995.

- - - “Marginal Bestiaries” in *Animals and the Symbolic in Medieval Art and Literature*, L. A. J. R. Houwen (ed.), Groningen, Egbert Forsten, 1997, pp. 171-188.

- - - (ed.), *The Mark of the Beast: the Medieval Bestiary in Art, Life, and Literature*, Garland, 1998.

HENDERSON, Arnold Clayton, “Of Heigh or Lough Estat’: Medieval Fabulists as Social Critics” in *Viator*, 9, 1978, pp. 265-90.

- - - “Animal Fables as Vehicles of Social Protest and Satire: Twelfth Century to Henryson” in *Third International Beast Epic, Fable and Fabliau Colloquium (Proceedings)*, Jan Goossens and Timothy Sodmann (eds.), Munster, Bohlau Verlag, 1981, pp. 160-173.

- - - “Medieval Beasts and Modern Cages: The Making of Meaning in Fables and Bestiaries” in *PMLA*, vol. 97, n.º. 1, 1982, pp. 40-49.

HICKS, Carola, *Animals in Early Medieval Art*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 1993.

HOOGLIET, Margriet, “De ignotis quarumdam bestiarum naturis. Texts and Images from the Bestiary on Mediaeval Maps of the World” in *Animals and the Symbolic in Medieval Art and Literature*, L. A. J. R. Houwen (ed.), Groningen, Egbert Forsten, 1997, pp. 189-208.

HOULIHAN, Patrick, *The Animal World of the Pharaohs*, London, Thames & Hudson, 1996.

HOUWEN, L. A. J. R., “Animal Parallelism in Medieval Literature and the Bestiaries: A Preliminary Investigation” in *Neophilologus* 78: 3, 1994, pp. 483-496.

IVES, S. A. & H. Lehman-Haupt, *An English Thirteenth-Century Bestiary: A New Discovery in the Technique of Medieval Illumination*, New York, H. P. Kraus, 1942.

JANSON, H. W., *Apes and Ape Lore in the Middle Ages and the Renaissance*, London, The Warburg Institute, University of London, 1952.

JODOGNE, “L’anthropomorphisme Croissant dans le Roman de Renart » in E. Rombauts and A. Welkenhuysen (eds.), *Aspects of the Medieval Animal Epic* (Proceedings of the International Conference – Louvain, May 15-17 / 1972), The Hague, Leuven University Press, 1975, pp. 25-41.

KLINGENDER, F., *Animals in Art and Thought to the End of the Middle Ages*, Evelyn Antal and John Harthan (eds.), Cambridge, M.I.T. Press London, 1971.

KORDECKI, Lesley, “Making Animals Mean. Speciest Hermeneutics in the *Physiologus* of Theobaldus” in *Animals in the Middle Ages. A Book of Essays*, Nona Flores (ed.), New York and London, Garland Publishing, 1996.

LEFEVRE, S., “Polymorphisme et métamorphose dans les Bestiaires” in *Métamorphose et Bestiaire Fantastique au Moyen Âge*, Laurence Harf-Lancner (ed.), Paris, Collection de l’École Normale Supérieure de Jeunes Filles, 1985, pp. 215-46.

MALAXECHEVERRIA, Ignacio Rodríguez, *Le Bestiaire Médiévale et l'Archétype de la Fémininité*, Paris, Éditions Lettres Modernes, 1982.

MARTINS, Mário, “A Simbologia Mística nos nossos 'bestiários'” in *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Livraria Cruz, 1956, pp. 379-93.

- - - “O Livro das Aves” in *Estudos de Cultura Medieval*, Lisboa, Verbo, 1969, pp. 45-49.

- - - “Simbologia das Aves e Outros Animais” in *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa*, Lisboa, Brotéria, 1980, pp. 31-36.

- - - “Os Touros nas Cantigas de Santa Maria” in *Estudos de Cultura Medieval*, III, Lisboa, Brotéria, 1983, pp. 21-27.

McCULLOCH, Florence, "The metamorphoses of the Asp in Latin and French Bestiaries", in *Studies in Philology*, 56, 1959.

- - - *Medieval Latin and French Bestiaries*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1962.

- - - "The Funeral of Renart the Fox in a Walters Book of Hours" in *Journal of the Walters Art Gallery* 25-26, 1962-63, pp. 8-27.

- - - "Mermecolion – A Mediaeval Latin Word for 'Pearl-Oyster' in *Mediaeval Studies*, 27, 1965, pp. 331-34.

- - - "Le Tigre et le Mirroir - la Vie d'une Image, de Pline à Pierre Gringore" in *Revue des Sciences Humaines* 33, 1968, pp.149-60.

McMUNN, "Bestiary Influences in Two Thirteenth Century Romances" in *Beasts and Birds of the Middle Ages: the Bestiary and its Legacy*, ed. Willene B. Clark and Meredith T. McMunn, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1989, pp. 134-150.

MORSON, J., "The English Cistercians and the Bestiary" in *Bulletin of the John Rylands Library* 39, 1956-57, pp. 146-70.

MURATOVA, Xenia, "Adam donne leurs noms aux animaux" in *Studi Medievali* 18 (2), 1977, pp. 367-94.

- - - "The Decorated Manuscripts of the Bestiary of Philippe de Thaon and the Problem of the Illustrations of the Medieval Poetical Bestiary" in *Third International Beast Epic, Fable and Fabliau Colloquium (Proceedings)*, Jan Goossens and Timothy Sodmann (eds.), Munster, Bohlau Verlag, 1981, pp. 217-46.

- - - *The Medieval Bestiary*, Moscow, 1984, (facsimile)

- - - « Problèmes de l'origine et des sources des cycles d'illustrations des manuscrits des bestiaires » in *Epopée Animale, Fable, Fabliau*, Gabriel Bianciotto et Michel Salvat (eds.), (Actes du IV Colloque de la Société Internationale Renardienne, Evreux 7-11 Septembre, 1981), Paris, Presses Universitaires de France, 1984, pp. 383-408.

- - - "Bestiaries: An Aspect of Medieval Patronage" in *Art and Patronage in the English Romanesque*, Sarah Macready and F. H. Thompson (eds.), London, Thames & Hudson, The Society of Antiquaries of London, 1986, pp. 118-44.

- - - "Les cycles des bestiaires dans le décor sculpté des églises du XXe siècle dans l'Yorshire, et leur relation avec les manuscrits des bestiaires illuminés" in *Atti del V Colloquio* 1987, pp. 337-54.

- - - « Un chef-d'œuvre de l'enluminure » in *Le Bestiaire (reproduction en facsimilé des miniatures du manuscrit du Bestiaire Ashmole 1511 de la Bodleian Library d'Oxford)*, trad. Marie France Dupuis et Sylvain Louis, Vesoul, Philippe Lebaud, 1988, pp. 179-236.

- - - "Workshop Methods in English Late Twelfth-Century Illumination and the Production of Luxury Bestiaries" in *Beasts and Birds of the Middle Ages. The Bestiary and Its Legacy*, Willene B. Clark and Meredith T. McMunn (eds.), Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1989, pp. 53-68.

- - - « Les manuscrits-frères : un aspect particulier de la production des Bestiaires enluminés en Angleterre à la fin du XIIe siècle » in Xavier Barral I Altet (ed.), *Artistes*,

Artisans et Production Artistique au Moyen Âge (Colloque International, Univ. De Rennes, 2-6 Mai, 1983), vol. III, Paris, Picard, 1990, pp. 69-92.

NUNES, João Manuel de Sousa, “Imagens Animais do Homem na Tradição da Sátira Inglesa e Algumas Interpretações, com Especial Referência ao Período Augustano”, Lisboa, s.n., 1996.

PAYNE, Ann, *Medieval Beasts*, London, New Amsterdam Books, 1991.

PEREIRA, José dos Santos Baptista, *Os Bestiários Franceses do Século XII: Revelações do Inefável* (dissertação de mestrado), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1992.

POIRION, Daniel, “Histoires Dites Naturelles“ in *Le Bestiaire (reproduction en fac-similé des miniatures du manuscrit du Bestiaire Ashmole 1511 de la Bodleian Library d’Oxford)*, trad. Marie France Dupuis et Sylvain Louis, Vesoul, Philippe Lebaud, 1988, pp. 13-51.

ROBIN, P. Ansell, *Animal Lore in English Literature*, London, John Murray, 1932.

ROMBAUTS, E. & Welkenhuysen (eds), *Aspects of the Medieval Animal Epic (Proceedings of the International Conference, Louvain, 1972)*, Leuven, Leuven University Press, 1975.

RONECKER, Jean-Paul, *Le Symbolisme Animal: Mythes, Croyances, Légendes, Archétypes, Folklore, Imaginaire ...*, St-Jean-de-Braye, Éditions Dangles, 1994.

ROWLAND, Beryl, *Animals With Human Faces. A Guide to Animal Symbolism*, Knoxville, The University of Tennessee Press, 1973.

- - - *Birds With Human Souls*, Knoxville, The University of Tennessee Press, 1978.

- - - “The Wisdom of the Cock” in *Third International Beast Epic, Fable and Fabliau Colloquium* (Proceedings), Jan Goossens and Timothy Sodmann (eds.), Munster, 1979, 1981, pp. 340-355.

- - - “The Relationship of St. Basil’s *Hexameron* to the *Physiologus*” in *Epopée Animale, Fable, Fabliau. Actes du IVe Colloque de la Société Internationale Rennardienne* (Evreux, 1981), G. Bianciotto et Michel Salvat (eds.), Paris, Publications de L’Université de Rouen, 1984, pp. 489-498.

- - - "The Art of Memory and the Bestiary" in *Beasts and Birds of the Middle Ages: the Bestiary and its Legacy*, ed. Willene B. Clark and Meradith T. McMunn, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1989, pp.12-25.

SALISBURY, Joyce, “Human Animals of Medieval Fables” in *Animals in the Middle Ages. A Book of Essays*, Nona Flores (ed.), New York and London, Garland Publishing, 1996, pp. 49-65.

- - - *The Beast Within: Animals in the Middle Ages*, New York, Routledge, 1994.

SAUNDERS, Nicholas J., *Animal Spirits. The Shared World of Ritual and Myth, Animal Souls and Symbols*, London & Basingtoke, Macmillan, 1995.

SHANK, Gary, "The Lesson of the Bestiary" in LEDGERWOOD, Mikle Dave, (ed.), *New Approaches to Medieval Textuality*, New York, Peter Lang, 1998.

SIMPSON, J. R., *Animal Body, Literary Corpus: The Old French Roman de Renart*, Amsterdam, Éditions Rodopi, 1996.

SOLTERER, H., "Letter Writing and Picture Reading: Medieval Textuality and the Bestiaire d'Amour" in *Word & Image* 5 (I), 1989, pp. 131-47.

TOYNBEE, J. M. C., *Animals in Roman Life and Art*, Baltimore and London, The John Hopkins University Press, 1973.

VARANDAS, Maria Angélica, "O Dragão: (Pre)figurações de Combate em *Beowulf*" in *Anglo-Saxónica*, série II, nos. 10 e 11, 1999, pp. 311-336.

VARANDAS, Maria Angélica, *A Voz no Bestiário: Ecos da Raposa na Literatura Inglesa Medieval* (dissertação de doutoramento), Lisboa, Faculdade de Letras, 2003.

VARTY, Kenneth, "Reynard the Fox and the Smithfield Decretals" in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 26, University of London, 1963, pp. 347-354.

- - - *Reynard the Fox: A study of the Fox in Medieval English Art*, New York and Leicester, Leicester University Press, 1967.

- - - "Further Examples of the Fox in Medieval English Art" in E. Rombauts and A. Welkenhuysen (eds.), *Aspects of the Medieval Animal Epic* (Proceedings of the International Conference – Louvain, May 15-17 / 1972), The Hague, Leuven University Press, 1975, pp. 251-256.

- - - *À la Recherche du Roman de Renart*, Tome II, Perthshire, Lochee Publications, 1991

- - - *The Roman de Renart. A Guide to Scholarly Work*, Lanham & London, The Scarecrow Press, 1998.

VOISENET, Jacques, *Bestiaire Chrétien. L'imagerie animale des auteurs du Haut Moyen âge (V - XI siècle)*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 1994.

WESTRA, Haijo J., "The Speech of Animals in the *Ysengrimus* and the Subversion of a Christian Hierarchy of Discourse" in *Reinardus*, vol. 11, 1989, pp. 195-206.

WHITE, Beatrice, "Medieval Animal Lore" in *Anglia* 72, 1954, pp. 21-30.

WILSON, Elizabeth, *Bibles and Bestiaries. A Guide to Illuminated Manuscripts*, New York, The Pierpont Morgan Library, 1994.

WOLFF-QUENOT, Marie-Josèphe, *Bestiaire de Pierre*, Strasbourg, Éditions La Nuée Bleue, 1992.

YAMAMOTO, Dorothy, *The Boundaries of the Human in Medieval English Literature*, Oxford, Oxford University Press, 2000.

YAPP, Brunson, “Birds in Bestiaries: Medieval Knowledge of Nature in *The Cambridge Review*, 105, Nov. 1984, pp. 183-90.

- - - “A New Look at English Bestiaries” in *Medium Aevum*, Vol. LIV, nº. 1, 1985, pp. 1-19.

- - - “Animals in Medieval Art: the Bayeux Tapestry as an Example” in *Journal of Medieval History*, vol. 13, nº. 1, March 1987, pp. 15-75.

ZAMBON, Francesco, “Figura Bestialis : Les Fondements Théoriques du Bestiaire Médiéval” in *Epopée Animale, Fable, Fabliau*, Gabriel Bianciotto et Michel Salvat (eds.), (Actes du IV Colloque de la Société Internationale Renardienne, Evreux 7–11 Septembre, 1981), Paris, Presses Universitaires de France, 1984, pp. 709-719.

ZIOLKOWSKI, J. M., *Talking Animals: Medieval Latin Beast Poetry - 750-1150*, Philadelphia, University of Philadelphia Press, 1993.

ZIRKLE, Conway, “Animals Impregnated by the Wind “ in *Isis*, vol. 25, 1936, pp. 95-130.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1: : Leão – Oxford, Bodleian Library, MS. Bodley 764.
(in Barber (ed.), *The Bestiary. Being an English Version of the Bodleian Library, Oxford M. S. Bodley 764 with all the original miniatures reproduced in facsimile*, Richard Barber (ed.), Woodbridge, The Boydell Press, 1993, p. 22).

Figura 2: London, British Library, MS. Royal 12. C. XIX, f. 6.
(in Ann Payne, *Medieval Beasts*, London, New Amsterdam Books, 1991, p. 17).

Quadro 1: in Ron Baxter, *Bestiaries and their Users in the Middle Ages*, Gloucestershire, Sutton Publishing Ltd., 1998, p. 167.

Quadro 2: *ibidem*, pp. 147-148.

Quadro 3: *ibidem*, p. 171.

Figura 3: Elefante e as armas de Roger de Monhaut – Oxford, Bodleian Library, MS. Bodley 764.
(in *The Bestiary*, p.39).

Quadro 4: in Baxter, *op. cit.*, pp. 150-151.

Quadro 5: in T. H. White, *The Book of Beasts. Being a Translation from a Latin Bestiary of the Twelfth Century*, New York, G. P. Putnam's Sons, Capricorn Books, 1954 (reeditado por Dover Publications, 1984), p. 233.

Figura 4: iluminura do antílope no MS. Bibl. Roy. 10066-77, f. 141 r.
(in Baxter, *op. cit.*, p. 65).

Figura 5: iluminura do antílope no Oxford, Bodleian Library, MS. Laud Misc. 247, f. 141r.
(in Baxter, *op. cit.*, p. 86).

Figura 6: iluminura do antílope em B.M., MS. Stowe 1067, f. 1v.
(in Baxter, *op. cit.*, p. 101).

Figura 7: a criação das luzes do céu - MS. Ashmole 1511.

(in *Le Bestiaire (Réproduction en fac-similé des miniatures du manuscrit du Bestiaire Ashmole 1511 de la Bodleian Library d'Oxford)*, Marie-France Dupuis et Sylvain Louis (trad.), Paris, Philippe Lebaud, 1988, p. 18).

Figura 8: a criação das aves e dos peixes - MS. Ashmole 1511.

(in *Le Bestiaire*, p. 27).

Figura 9: a criação dos animais terrestres - MS. Ashmole 1511.

(in *Le Bestiaire*, p. 37).

Figura 10: Adão dá nome aos animais – Aberdeen University Library, MS. 24 (Aberdeen Bestiary), f. 5r.

(in http://www.clues.abdn.ac.uk:8080/besttest/alt/comment/best_toc.html)

Figura 11: raças monstruosas.

London, Westminster Abbey Library, MS. 22, f. 3.

(in Debra Hassig, *Medieval Bestiaries: Text, Image, Ideology*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995, fig. 117).

Figura 12: Poupa – Oxford, Bodleian Library, MS. Ashmole 1511.

(in *Le Bestiaire*, p. 124).

Figura 13: Lebre – Oxford, Bodleian Library, MS. Bodley 764.

(in *The Bestiary*, p. 66).

Figura 14: Cão – Oxford, Bodleian Library, MS. Ashmole 1511.

(in *Le Bestiaire*, pp. 103-104).

Figura 15: Crocodilo - Worksop Bestiary, f. 70r.

(in Janetta Rebold Benton, *The Medieval Menagerie: Animals in the Art of the Middle Ages*, New York and London, Abeville Press Publishers, 1992, p. 83).